

BOLETIM
DE
ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

BOLETIM
DE
ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA
DA
REAL ASSOCIAÇÃO
DOS
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

TOMO XI -- 4.^a SÉRIE -- N.º 1

BIBLIOTHECA
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
Edifício Historico do Carmo



70307

LISBOA

CASAS MEMORAVEIS

Acerca deste assumpto sobre que versam o artigo do sr. Visconde de Castilho (Julio) e a proposta do socio effectivo Victor Ribeiro, julgamos interessante reproduzir duas curiosas noticias. Refere-se uma ao culto reverente com que a Italia conserva a casa do seu famoso poeta Petrarcha, na pequenissima povoação de Arquá. É descripta *de visu* essa veneração cultural, pelo sr. Manuel de Sousa Pinto, em correspondencia escripta de Bolonha, em 24 de Setembro de 1906, para o jornal de Lisboa—*A Lucta*, em cujo n.º 272 saiu publicada. Este culto é analogo áquelle com que na mesma Italia se venera a casa de Dante, em Florença, com que na Suissa se venera a de Guilherme Tell e na Allemanha a de Schiller. Como na proposta alludida se diz, nem sempre porém este culto se tem mantido assim fervoroso e puro, ainda mesmo nos paizes mais civilizados. Vem egualmente a proposito referir o que tão recentemente succedeu em Paris, com a reconstrução da casa onde falleceu o grande Hugo, na avenida de Eylau, perto dos campos Elyseos, avenida á qual a municipalidade parisiense, por esse facto, mudou o nome em *Avenida Victor Hugo*.

Aqui a veneração pelo illustre morto manifestou-se por uma maneira differente, accomodaticia com os interesses do proprietario.

O palacete, que tinha o n.º 124, e que durante alguns annos constituiu um verdadeiro sanctuario, um logar de peregrinação de todos os admiradores do poeta, cujo nome synthetisava a alma da França, foi por fim condemnado pelo camartello demolidor, e em seu logar edificou-se um grande predio para inquilinos. O proprietario, porém, respeitador da memoria de Hugo, e desejando que a lembrança do auctor

immortal da *Lenda dos Seculos*, naquelle sitio em que elle exhalára o ultimo suspiro, se não extinguisse com a demolição, teve a idéa de mandar esculpir em alto relevo, sobre o portão de entrada, a cabeça do poeta. Foi encarregado desta esculptura um estatuario de fama, Fouquereau, que se desempenhou admiravelmente da incumbencia, representando Victor Hugo pensativo, coroado de louros, com o rosto apoiado á mão direita, posição que lhe era habitual. Ao lado, uma lapide commemorativa recordará aos pósteros que naquelle sitio existiu a casa onde expirou o poeta e onde viveu os ultimos annos da sua vida, depois do seu regresso do exilio na ilha de Jersey.

Entre nós quantas são já hoje as mansões assignaladas por lapides memorativas — as de Camões, de Garrett, de Castilho, de João de Deus, de Luz Soriano, de Innocencio e de outros homens illustres, e quantas ha ainda não assignaladas por esta fórma. No numero destas ultimas conta-se, como o notaram na sessão de 29 de novembro ultimo os srs. Rozendo Carvalheira e D. José Pessanha, a casa do largo da Ajuda, em que por muitos annos habitou Alexandre Herculano, onde se reuniam em volta daquelle vulto eminente das letras patrias, as principaes figuras da vida portugueza do seculo XIX, formando verdadeiros cenaçulos scientificos e litterarios, analogos aos que se agrupavam em torno de Antonio Feliciano de Castilho, nas casas em que elle habitou. Desta casa de Herculano na Ajuda, antes das obras a que alli se procedeu ha annos, mandou o fallecido Rodrigo Vicente de Almeida, amigo e admirador dedicado do grande escriptor, tirar uma photographia, que o sr. D. José Pessanha obsequiosamente emprestou para se reproduzir neste *Boletim* e acompanhar a presente noticia.

Relativamente á casa de Petrarcha em Arquá, escreveu o chronista d'A *Lucta* sr. M. de Sousa Pinto o artigo seguinte, que com a devida venia transcrevemos:

Na casa de Petrarca

«Tal nome — Petrarca — poderia encher como um perfume enorme as salas incontaveis d'um vastissimo palacio. As suas cinzas, reclusas n'uma cidade, teriam o poder de atrahir a ella caravanas successivas de curiosos, passos respeitosos de remotas devoções. Esse genio, porém, em que a humanidade crê e que a Italia ama, morreu, por von-



**Casa onde habitou Alexandre Herculano
(Largo da Ajuda)**

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 1—PAG. 2

tade, na sua casa pequenina de Arquá, construída n'um terreno que os Carrareses lhe deram e a onda quotidiana dos viajantes corre lá de longe, sem sequer erguer os olhos para procurar no monte a modesta casinha que lhe bebeu a vida.

A linha ferrea passa distante entre Battaglia e Monselice, deixando em qualquer das duas estações os romeiros de tão cara viagem.

Apeio-me do comboio em Battaglia e transfiro-me para uma despencada carripana que, ao magro trote d'um cavallo branco guiado a cordas, me leva depressa, ao estalar do chicote.

Para encurtar caminho, o meu imberbe cocheiro, que despreocupadamente assobia, mete pela quinta d'um conde de Padua que, dedicado á agricultura, tem aqui uma exemplar propriedade rendosa, atravessada por uma esplendida estrada, entre amoreiras folhudas e pacificas oliveiras de guarda aos campos de vinho onde a uva começa a chamar o lagareiro.

Quasi todo o percurso se faz assim pelo condal dominio; a paizagem reduz-se portanto á monotona regularidade dos campos amestrados, que tem um ar de armazens bem arrumados, com raizes numeradas e amostras das arvores nas tabelas.

Passa de vez em quando um carro de bois, de bois brancos atrelados a redea e dirigidos a latego; ranchos de trabalhadores suspendem a tarefa para olharem quem vae. Aqui e além perús passeiam a nedia opulencia dos futuros jantares do patrão; n'uma capoeira limpa, um galo sybarita requesta garboso as primicias do harem e á beira d'um pomar, marrecos quietos luzem do mergulho no regueirão visinho.

Deixada a quinta, a estrada sóbe muito; o cocheiro, como boni cocheiro italiano, desce do seu posto para ajudar o cavallo e em pouco tempo acho-me defronte do mausoleu que contém os restos de Petrarca.

Encontra-se n'uma praça exigua onde cresce a herva, ante a igreja, na base do miserrimo povoado que é Arquá—hoje Arquá-Petrarca, em honra da gloria que no sepulcro guarda.

O tumulo compõe-se d'uma grande e simplicissima caixa de marmore roseo sobre quatro meias columnas, assentes num triplice basamento escantoado. Encima o tampo saliente uma cabeça do poeta, bronze quinhentista de Pietro Paolo Valderano.

Na face anterior lê-se a latina inscripção que Petrarca se fez em vida, confiando-se á Virgem, essa *Virgine bella, che di sol vestita* foi por elle a mais admiravelmente cantada das deusas.

O guarda faz-me notar os golpes que o marmore tem sofrido; ha por toda a parte, principalmente no sóco, pedaços truncados, bocas abertas; explica-me que são pessoas que querem levar uma reliquia. Tocante vandalismo egual ao d'aquelle que para lavar a camisa d'um pobre, o deixasse nú ao frio descampado!

De resto, a tumba tem a sua chronica irrespeitosa. Na tragica historia comica dos ossos celebres, Petrarca figura tambem. No sec. XVII um frade, Tornaso Martinelli, arromba de noite a urna para se aposar dos preciosos restos; data de então o *gato* de bronze com que a Republica de Veneza soldou a arca, que em tal desprezo viveu que em 1843 foi preciso restaural-a de entulhos miserandos. Abriu-se a caixa e tirou-se do cadaver uma costela que foi entregue a um sacerdote, com idéas de a offerecer ao municipio de Padua. O povo de Arquá opoz-se á dadiva e a costela foi de novo reunida ao esqueleto que Canestrini examinava em 1873, descobrindo no poeta a estatura de um metro e oitenta e tres.

*
* *

Enveredo depois pela tortuosa, unica rua do burgo, até ao alto, a um portão de ferro em cuja hobreira se lê:— *Casa de Petrarca. Entrada 50 c.*

Do portão uma ruasinha arborisada leva ao minusculo quintal atulhado d'arvores onde, entre cyprestes tristes e cedros enfezados, um aloendro garrido entorna flôres.

A casa é baixa, d'um só andar, franqueada pela escada externa que conduz ao alpendre.

O guarda abre-me a porta e acho-me emfim na casa que Petrarca fez construir e habitou, onde envelheceu escrevendo o *Compendio dos homens illustres*, humildemente, socegadamente. São oito divisões pequenas que o guia rotula a seu geito: aqui o quarto de trabalho, aqui a casa de jantar, aqui o salão.

Nas principaes salas, sob os tectos de madeira pintada, correm frescos, muito posteriores á sua morte, illustrando detestavelmente algumas canções e sonetos; na sala mais rica uma chaminé aguenta, com as paredes, a figuração do poema *Africa*.

Guardam-se por aqui e por ali retratos do poeta e dos contemporaneos, gravuras, corôas, bustos, autographos, edições, trastes velhos,

cuja convivencia com o poeta é duvidosa, a não ser a da secretaria e a da credencia. Num armario o tinteiro de bronze com um Cupido na tampa.

Num nicho envidraçado sobre uma porta está, curiosidade interessante, a gata do poeta mumificada com um letreiro que diz em latim: *O toscano vate ardeu em dupla chamma: eu fui o seu maior amor, Laura o segundo. Rides, porquê? Se a divina belleza a fez digna de tão preclaro amante, eu mereci-o pela minha fidelidade; se ella foi incentivo ao poetico genio, vigiei eu para que os ratos crueis não devorassem as sagradas paginas.*

Até que vivi mantive em respeito, fóra do limiar, as pavidas ratazanas para que não destruíssem os facundos escriptos e ainda hoje, depois de morta, incuto-lhes terror e no meu corpo exanime a antiga fidelidade sobrevive.

A transcrição justifica-se pela ingenuidade e pela surpresa que ha de ser para vós, como foi para mim, a eloquencia da gata do poeta.

Num cubiculo que duas pessoas enchem, ao lado d'uma sala, tinha o poeta o costume de encerrar-se a meditar e ahi foi encontrado morto ao romper da manhã de 19 de Julho de 1374, sobre as *Confissões* de Santo Agostinho.

*
* *

Mas para mim a mais seductora impressão d'essa casa amavel é a janela lateral—uma varanda de ferro á veneziana que olha desafogada a paizagem vasta dos montes Euganeus. Dir-se-hia que foi por ali, seguindo a velha lenda, que a alma do poeta se perdeu no espaço e que um rasto invisivel nos leva a sonhar d'aquelle balcão formoso, onde Petrarca de certo se debruçou muita vez sobre a sua vida de gloria.

Têm-se d'ali visões perfectas, mas o que de lá se vê não posso hoje aqui contar-vos, que foi grande a vida do clerigo genial que, dedicando mil versos á fórma do seu sonho—a Laura ideal que Abril lhe mostrára em Avinhão—não deu sequer uma linha á carne que beijára. É verdade que ella se nobilitou com a honra extrema dos filhos de Petrarca. . . .»



CRUZEIROS NOTAVEIS

(Contin. do n.º 12, t. x)

XLI

Cruzeiro da Labrugeira

O distincto pintor sr. Christino da Silva communicou-nos, exontanea e amavelmente, a seguinte descripção:

«O logar da Labrugeira é o mais importante da freguezia de Ventoza e um dos maiores do concelho de Alemquer. Tem mais de 200 fogos, perto de 800 habitantes e consta de varias ruas e travessas, anonymas na sua maior parte.

A meio da rua «Direita», que atravessa o logar de oeste a leste, ergue-se o cruzeiro que a nossa gravura representa. Diz a tradição popular que este modesto monumento foi ali construido em cumprimento de um voto feito por um homem nobre, de appellido Peixoto, que no meado do seculo XVII habitava no logar.

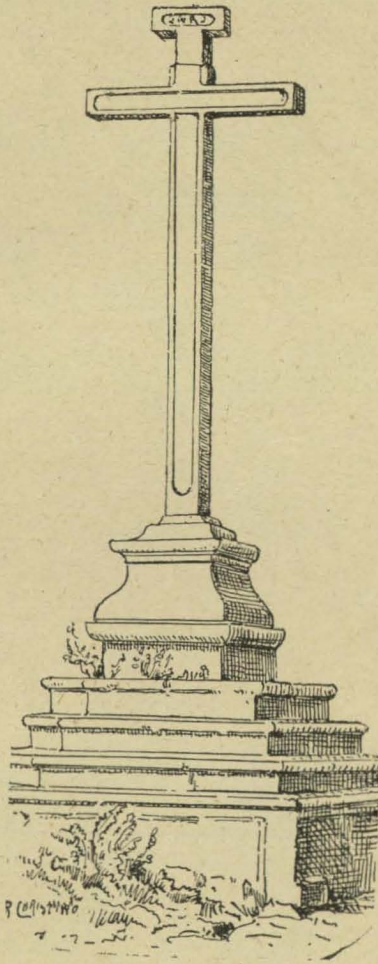
A cruz é de marmore vermelho, muito escurecida pela acção do tempo, e parte de uma baze de pedra lioz com molduras simples lavradas segundo o estylo da época. Assenta sobre tres degraus de cantaria, muito damnificados, que um forte alicerce de alvenaria sustenta.

A cruz tem na base lavrada em toscos caracteres a data de 1672, e no distico as conhecidas letras J. N. R. J.

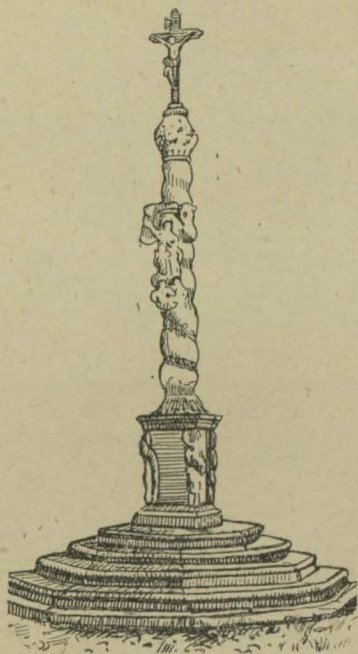
Os tres degraus do lado do norte não existem já, por terem sido arbitrariamente destruidos pelo fallecido Manuel Ferreira de Azevedo, proprietario do predio que lhe fica proximo.

Existe no logar um outro cruzeiro em frente da capella de Santo Antonio, construido modernamente a instancias de João Paulo d'Almeida.

E' de tosca construcção de pedra calcarea e tem na base os leitreiros seguintes: do lado de leste—«Pela conversão dos peccadores P. N.; do lado do oeste—Este cruzeiro foi erigido pelos povos deste logar em 1864.»



Cruzeiro da Labrugeira



Cruzeiro de Venade em Caminha

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL., T. XI, N.º 1—PAG. 7

XLII

Cruzeiro de Venade em Caminha

Em Venade, nas margens do Coura, a 25 minutos de Caminha, existe um cruzeiro que bem merece occupar um logar distincto na nossa collecção. O sr. José M. Mendes Guerreiro, que nasceu naquella risonha freguezia e que ama carinhosamente, como filho enternecido, a sua terra natal, delicioso trecho da pittoresca provincia do Minho, espontaneamente se associou á nossa tarefa enviando-nos uma photographia do cruzeiro, acompanhada da competente nota descriptiva. Aqui reproduzimos uma e outra:

«E' todo de granito e foi construido por finta parochial na ultima metade do seculo XVIII, talvez entre os annos de 1760 e 1790.

Diz-se que o constructor, Bernardo Lourenço da Costa, ou seu pae, perdera bastante dinheiro na obra, não sendo indemnizado por não ter cumprido inteiramente o contracto escripto, ha poucos annos ainda existente.

Sobre uma escadaria de cinco degraus, em octogono, eleva-se o elegante cruzeiro, cujo pedestal tem aos cantos figuras que se suppõe representarem os 4 evangelistas. O fuste, salomónico, tem a espiral ornamentada, em pequeno relevo, com folhagem diversa; a meio suspende-se a imagem de Nossa Senhora da Conceição, coroada por dois anjos, com peanha decorada com a serpente e cherubins. O capitel, em fórma de corôa, tem as volutas dispostas em sentido vertical e da sua junção nasce a cruz, octogonal, com o Christo crucificado. As esculpturas do grupo do fuste e a do Christo estão bem conservadas; outro tanto não acontece ás do pedestal. O valor artistico desta obra não é, por certo, muito notavel, mas o conjuncto é bonito e harmonico, digno de attenção.

Primittivamente este cruzeiro levantava-se defronte da igreja matriz, um pouco ao poente da porta principal; em 1896 foi pelo sr. barão de S. Roque mudado para a frente da casa das escolas por elle construidas, á margem da estrada de Caminha, e cêrca de 150 metros do local primitivo. É' o melhor cruzeiro do concelho.

Na mesma freguezia ha mais cinco, tres dos quaes de bastante valor e maior antiguidade».

XLIII

Cruzeiro de Bustello

O distincto escriptor portuense, o sr. Eduardo Sequeira, mimoseando-nos com a photographia do cruzeiro de Bustello, acompanhou a sua offerta com a descripção, em trecho epistolar, deste curioso monumento. A carta é a singela e despretenciosa narrativa de um passeio ao referido local, aonde se conserva ainda, com outro destino, um dos edificios conventuaes erigidos pelos frades da ordem de S. Bento na provincia do Minho.

Tem a palavra o nosso amavel correspondente:

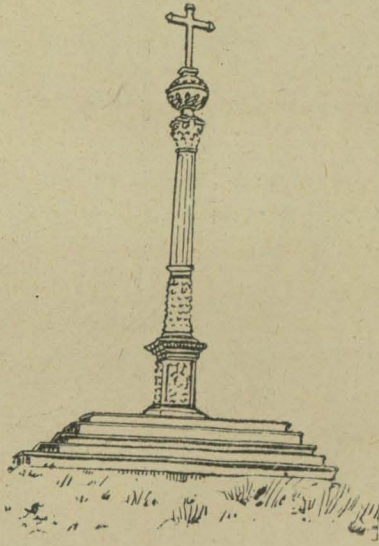
«A egreja e convento de Bustello estão situados a uns 3 ou, o muito, 4 kilometros N/O de Penafiel, no alto do elevado monte, de onde se gosa um panorama de surprehendente belleza. De Penafiel a Bustello vae-se por uma bem cuidada estrada em zig-zag, que ladeia o monte e portanto faculta em todo o percurso pontos de vista de primeira ordem, de leguas de extensão. Bustello pertenceu outr'ora aos frades bentos. A egreja é de duas torres com a imagem do orago S. Miguel sobre a porta principal. Interiormente possui formosos altares de talha opulenta e côro com boa estante coral e varandim de torcidos metallicos, tudo na ostentosa orientação das egrejas beneditinas.

E' hoje a matriz da freguezia de Bustello, onde, á falta de cemiterio parochial, os enterramentos fazem-se ainda á antiga, dentro do proprio templo!

Ao lado direito desta apparatusa egreja corre o convento, grande e luxuosa construcção que pertence, assim como a bella quinta annexa, a um proprietario, que se esmera na sua conservação.

Em frente da egreja e convento ha um grande largo; do lado esquerdo deste e da egreja desce uma espaçosa escadaria, que vae ter a um outro largo, uns quatro a cinco metros mais abaixo, no centro do qual se ergue o rico e formoso cruzeiro de Bustello.

Sobre uma espaçosa base quadrada, de seis degraus, assenta o seu pedestal, tendo em cada uma das faces um *cartouche* rodeado de volutas, estylo seiscentista. A columna, da ordem corinthia é, até um terço, formada por um ornamento em fórma de pinha; de dois terços para



Cruzeiro de Bustello

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 1—PAG. 8

cima tem as ranhuras proprias do estylo corinthio. O capitel e ábaco seguem identico estylo.

Em cima assenta um globo dividido ao meio por um annel singelo; a parte inferior do globo é formada pela reunião de folhas de acantho e a parte superior por ornamentos circulares e botões do mais agradavel effeito.

A cruz é singela; tem em meio uma outra cruz entalhada, e os braços e o cimo findam em remates seiscentistas.

Eis o que lhe posso dizer de uma rapida visita que em agosto de 1906 fiz á egreja e convento de Bustello, tendo logrado a felicidade de conseguir de um photographo amator, que me acompanhou, meu parente e amigo, Arthur Mariani, a prova photographica que lhe mando.»

XLIV

Cruzeiros dos arredores de Evora

No capitulo VII demos conta dos cruzeiros que havia na cidade de Evora e que hoje se guardam no Museu como peças archeologicas Citámos então a opinião do sr. A. F. Barata de que não existia mais nada no genero digno de mencionar-se. No seu interessante opusculo *Evora e seus arredores*, publicado em 1904, o mesmo distincto investigador consagra um artigo a pags. 19 á *Cruz da Picada*, em que trata tambem de outros padrões do mesmo genero que se erguam ou erguem ainda nas cercanias da mais importante povoação alemtejana.

A *Cruz da Picada* levanta-se na confluencia das estradas de S. Martinho, de Montemór-novo e de Lisboa. É um sitio historico, pois neste pequeno alto tentaram os habitantes de Evora offerecer resistencia, com uma peça de artilharia, ao ataque das hostes napoleonicas. O valor patriotico foi inutil deante da força e da disciplina dos invasores, que tomaram de assalto a cidade.

Na estrada para a villa do Redondo, no local onde está hoje edificado um predio pertencente a um official do exercito de appellido Andrade, erigia-se outra cruz, que foi testemunha de episodio identico ao que presenciou a Cruz da Picada. Num painel das almas, em azul, lê-se esta inscripção commemorativa:

PEDESE HUM P. N. A. M.
PELAS DE NOSSOS I.
QUE AQUI PADECERÃO ÀS MÃOS
DOS FRANCEZES NO ANNO 1808

Na estrada de Aviz campeia outra cruz, que parece não andar ligada a nenhum successo publico importante. As demais, diz o sr. Barata, tem desapparecido, sendo a ultima a que existia defronte da capella de S. Braz, no Rocio.

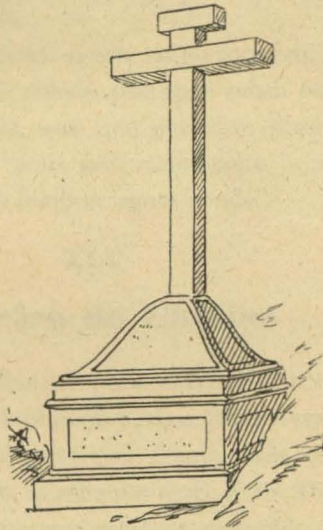
O mesmo escriptor conclue o seu artigo com este periodo: «Estas cruces erguidas em volta da cidade, por onde saiam estradas publicas, fôram feitas no seculo XVII, sem que possamos dizer a expensas de quem, como determinar o anno, não embargante o havel-o já lido, e sem que nos seja possivel o lembrar agora aonde.

XLV

Cruzeiro de Chellas

O sitio de Chellas, tão afamado pelas suas frescas hortas, era outr'ora um dos mais frequentados suburbios de Lisboa. Dispertava principalmente a concorrência o seu convento de freiras dominicanas, em cuja igreja os fieis iam devotamente adorar as reliquias de S. Felix. De longos seculos datava a existência ali de uma casa religiosa, chegando até a affirmar-se que primitivamente se houvera fundado um collegio de vestaes. Esta tradição certamente fabulosa, lendaria pelo menos, baseava-se todavia na conservação, tanto na igreja, como no claustro e outras dependencias, de varias antiguidades romanas, a mais importante das quaes, os restos esculpidos de um sarcophago, está hoje depositada no Museu de Bellas Artes. A sua descripção, assim como a de outros monumentos da mesma origem, póde lêr-se em artigos de A. C. Borges de Figueiredo, publicados nos primeiros numeros do 4.º anno da «Revista Archeologica».

O mosteiro de Chellas, cujo cartorio se archiva hoje na Torre do Tombo e que era dos mais ricos da sua especialidade, antes de ser povoado pelas monjas de S. Domingos, fôra habitação de frades, cuja ordem se não tem podido determinar com certeza. Ha mais de vinte annos, depois da morte da ultima freira, o edificio conventual com a sua igreja, teve um destino bem differente, sendo parte applicado ao collegio das missões ultramarinas e parte a officinas militares de pyrotechnia.



Cruzeiro de Chellas

BOL. DE ARCHIT. E ARCHEOL. T. XI, N.º 1—PAG. 10

O cruzeiro, que hoje reproduzimos, segundo um esboço tirado pelo distincto engenheiro o sr. Francisco Augusto Garcez Teixeira, que já não é a primeira vez que dedicadamente concorre para opulentar esta collecção, ergue-se na encosta que do apeadeiro da linha ferrea desce para o convento.

E' construido de calcareo e ainda que modesto, é de bom lavor. As inscrições, sobretudo, são de um trabalho que não condiz com a má orthographia. A face que olha para o caminho publico, e que é a principal do esboço, é a da rectaguarda do cruzeiro. Achava-se ainda não ha muito — e dizem-nos que o está de novo — quasi encoberta pelas terras, mas o sr. J. Fraga Pery de Linde, aproveitando o ensejo de andar ali um partido de trabalhadores, fez com que se desobstruisse aquella parte, e leu toda a inscrição, que é do theor seguinte:

Na parte superior da face da frente:

INRI

Na moldura curva:

O CRVS GLO
 RIOSA O CRVS
 ADORANDA LI
 GNVM PRESIOZV
 ET ADMIRABILE SIGNV

Na moldura plana:

ECCE SALVSMVNDI SATANE PAVOR
 ATO FLAGELLUM
 UNICATOTIVS CRUX MEDICINALI

Na face da rectaguarda e na moldura curva:

ADOREMVS
 CRVSIS SIGNACV
 LV PER QVOD SA
 LVTIS SVMSIMVS
 SACRAMENTVM

O ultimo v da 2.^a linha é incluso no c.

Na moldura plana:

TV CRISTO MORTIS VITAE MIHI
CAVSA FVISTI
TVRESERAS PORTAS CRVX
BENEDITA DOLI

O R de CRVX é incluso no C.

Não nos responsabilizamos pela fidelidade do latim incomiastico da inscripção, que parece ter sido reproduzido com pouca pericia pelo canteiro que lavrou as letras na pedra.

(*Continúa*).

SOUSA VITERBO.

UM ARTISTA DESCONHECIDO

A villa de Cintra, se estivesse situada noutro paiz, em França, na Suissa, na Allemanha, na Inglaterra ou na Italia, teria dado motivo a numerosas monographias illustradas, em que a penna do escriptor realizasse com o lapis do artista, assim como os encantos da natureza, na sua superioridade eterna, competem com as maravilhas do engenho humano.

Cintra gosa hoje de uma reputação universal, graças sobretudo ao brado entusiastico de Lord Byron nas *Peregrinações de Child Harold*. Muitos outros poetas, já nacionaes, já estrangeiros, lhe teem celebrado as primazias, tanto nos tempos modernos como nos tempos antigos, sobresaindo no seculo XVI o poema latino de Luisa Sigea, que encontrou rival, no seculo XIX, em outro identico de um cardeal romano, nuncio na nossa cõrte.

Cintra fala de per si, attrahindo naturalmente, na irresistivel magia das suas paizagens, sem precisar que haja alguem que lhe esteja indicando a formosura. Os viajantes que aportam a Lisboa não soce-

gam um momento antes de satisfazer a irrequieta curiosidade de visitar o *glorious Eden* do poeta britannico. Assim se explica a indesculpavel deficiencia de um guia seguro e completo, que nos revele os monumentos, a historia, as tradições da seductora estancia, onde a cada passo se encontram objectos dignos de apreço, onde as proprias pedras parece que estão falando.

Em 1839 publicou-se em Lisboa, na typographia da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis, um volume in-8.º grande, de 231 paginas, sob o titulo de *Cintra Pinturesca ou memoria descriptiva da villa de Cintra, Collares e seus arredores*. Esta obra saiu anonyma, mas é inquestionavelmente do Visconde de Juromenha, o benemerito investigador da vida de Camões. Para o seu tempo era digna de apreço, pois representava um esforço nada commum no seu genero, embora deixasse muito a desejar, já pelas suas deficiencias, já por uma ou outra falta de rigor historico. Quaesquer, porém que sejam os defeitos que se lhe possam e devam notar, com justificada indulgencia se perdoam, attendendo á circumstancia que durante mais de meio seculo ainda ninguem tentou arcar com as difficuldades da tarefa, renovando e aperfeiçoando o trabalho existente, que bem se póde considerar archaico.

Uma segunda edição, recentemente realizada, postoque amplie e retoque alguns passos da primeira, ainda está longe de satisfazer a exigencia dos curiosos.

Por felicidade, a excellente monographia do sr. conde de Sabugosa sobre o paço real de Cintra poderá servir de nucleo e de incentivo a trabalhos de igual natureza, quando é certo que a maior parte das quintas de Cintra se prestam a descripções interessantissimas.

Eu possuo um exemplar do livro do visconde de Juromenha que talvez seja excepcional, porque lhe juntei duas peças que julgo apparecerão em muito poucos, se porventura apparecerem, as quaes conseguí apanhar na papelada que se vendeu a monte, findo o leilão da livraria do illustrado fidalgo e homem de letras. Uma d'ellas é a primeira folha de 8 pags. de uma projectada edição anterior, in-4.º, a duas columnas, impressa em 1836, na Typographia Lisbonense.

Não sei se chegou a sair mais alguma.

A outra é um pequeno folio, impresso de um só lado, contendo os seguintes dizeres: *Explicação das estampas*.

N.º 1—Vista geral de Cintra, tirada da estrada de S. Pedro, lithographada por o joven artista portuguez A. C. Barreto.

N.º 2—*Fac simile* de uma vista antiga de Cintra, tirada do lado do sul no xv seculo, por Duarte d'Armas, criado e pintor d'El-Rei D. Manuel, gravada na pedra pelo muito habil artista francez mr. Ed. Brohy.

N.º 3—Vista de Sitiaes e Penhaverde, lithographada pelo mesmo.

N. B. No fim da obra se distribuirá um catalogo geral, com a explicação das estampas. Lisboa, 1839. Na typographia da Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis. Rua Nova do Carmo n.º 39, D.

A *Cintra Pinturesca* é acompanhada de um atlas ou album complementar, em 4.º oblongo, composto de sete estampas (Innocencio não designa o numero) de 20 centimetros por 15, excluindo as margens. Nenhuma d'ellas tem legenda elucidativa e todas são lithographias de A. C. Barreto, com excepção de uma que diz *Coelho gr. lith. da Imprensa Nacional*. O nome do muito habil artista francez Ed. Brohy não apparece todavia e não sei como explicar esta omissão. Raczyński não o incluiu no seu *Dictionnaire* e não me lembra de o ter visto mencionado em outra parte. Os colleccionadores de estampas talvez possam decifrar ou esclarecer o que se me afigura enigma.

Seria para estimar que se determinasse quem foi este artista e qual o seu verdadeiro merecimento.

Sousa Viterbo.

UM DESENHO DE VIEIRA LUSITANO

O Museu Nacional de Bellas Artes possui uma collecção de desenhos de Vieira Lusitano, os quaes veem descriptos no respectivo «Catalogo», a pag. 95-96.

Um delles, sob o n.º 357, acha-se assim relacionado:

«A Tragedia e a Poesia. Alt. 0^m,248; larg. 0^m,166. Nota no reverso: Rascunho do meu debuxo, que se mandou abrir a Florença, foi p.^a... tespicio da Merope, traduzido pelo famôso P.º José Freire, do Oratorio».

Este José Freire é o Padre Francisco José Freire, mais conhecido pelo seu nome arcadico de «Candido Luzitano».

Nasceu em Lisboa em 1719 e falleceu no convento de Mafra em 1773.

Vestia a roupeta dos Congregados de S. Filippe Nery, na casa do Espirito Santo de Lisboa. Poeta e prosador distincto, embora lhe não aquecesse o espirito a scentelha do genio, foi homem douto e philologo muito apreciavel, tendo neste sentido prestado bons serviços á lingua e á litteratura patria. São nnumerosas as obras que compoz, a maior parte das quaes ficaram ineditas, como se póde vêr no artigo que lhe consagra o «Diccionario Bibliographico».

O sr. Annibal Fernandes Thomaz possui na sua valiosa collecção de estampas uma gravura do desenho acima apontado. Na parte inferior tem os seguintes dizeres:

A' direita — «Franc. Vieira Lusitano inv. Lisbonna».

A' esquerda — «Carlo Gregorj Scolp. Firenze. 1753».

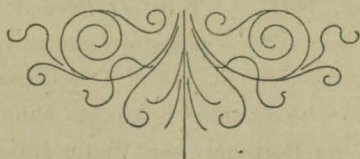
Um reparo desde logo se offerece. Sendo Vieira tambem gravador, porque não foi elle quem esculpiu o seu proprio desenho, sendo preciso mandal-o gravar a Florença, onde porventura tambem se estampou?

Outro reparo ainda, ou antes um problema bibliographico a resolver.

Acaso chegaria a publicar-se em Italia ou no nosso paiz a tragedia «Merope»? Nenhum bibliographo nos dá conta dessa edição, que, apesar de existente, poderia ter escapado até hoje ao seu exame. Na Bibliotheca Publica de Evora conserva-se o manuscripto autographo, pelo qual se vê que é traducção da tragedia italiana do marquez Scipião Maffei.

Vejam agora os investigadores de curiosidades bibliographicas se são capazes de decifrar o enygma, descobrindo os rastos da supposta edição, ou concluindo definitivamente que ella não passára do frontispicio gravado.

SOUSA VITERBO.



Notícias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal,
com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 11, t. x, pag. 606)

Addenda II

Coimbra—*Portugal*, t. I, 821; *O antiquario coimbricense*, por Manuel da Cruz Pereira Coutinho, Coimbra, Imp. da Universidade, 1841-43, 4.º; *Portugal* por Ricardo Kessler; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *O anel mysterioso* por Alberto Pimentel; *O Occidente*, 1903, pag. 61; A porta de Almedina (*Construcção moderna* n.º 46); «Elementos para a hist. do conc. da Figueira» por Pedro Fernandes Thomaz; *Serões* n.ºs 14, 15, 18 e 20; *Os amores do principe perfeito* por Arthur Lobo d'Avila; *Rancho (O) da Carqueja* por Antonio Francisco Barata, 2.ª ed., 1904; *Archeol. Port.*, IV, 156; V, 339; VI, 339; VIII, 170; *Brasil-Portugal*, 1900, pag. 205; 1902, 615; 1903, 132; *A viuva do enforcado* por Camillo C. Branco (Novellas do Minho); «Encycl. das applicações usuaes» por João Bonança; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., VIII, 574 a 578, 588, 590, 605; *A arte e a natur. em Portugal*, fasc. n.º 40; «Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes; S. Marcos (*O Seculo* n.º 7764, 9-8-03); Alman. Palhares de 1905; O Museu archeologico do Instituto (*Portugal artistico*, dir.ºr Eduardo Sequeira, 650 illustr., 1.ª série, 1905); *Serões*, 2.ª série, n.º 1; *Portugalía*, vol. II, 47; Cruzeiro do Santo Christo das Maleitas, pelo dr. A. Garcia de Vasconcellos (*Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo, no *Bol. da R. A. dos Archit.-e Archeol. Port.*, x, 178); *O Paço de Cintra* pelo Conde de Sabugosa; *Paços reaes*—palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Portugal*, dice. illust., vol. 2.º; *Mosteiros reaes* por Mimoso Ruiz; *A triste canção do sul* por Alberto Pimentel; «Hist. da beneficencia publ. em Portugal» por Victor Ribeiro (*O Instituto*, vol.

53.º, pag. 6); *Portugal contemp.* por Augusto Forjaz; *Diario de Noticias* n.º 14525 (1906); *Serões*, 2.ª série, n.º 12; *Illust. port.*, 2.ª série, n.ºs 6, 9, 23, 25.

Coima—*Archeol. Port.*, VII, n.º 12, pag. 310.

Collares—*O Seculo* n.º 6494 (1900); *Serões*, n.º 15; *Brasil-Portugal*, 1900, pag. 245; «*Encyclop. das applicações usuaves*» por João Bonança; *Descrição de Collares* (*Diario de Noticias* n.º 14185, 27-5-05); *O Paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; *O pelourinho de Cintra* por Antonio C. Mêna Junior, 1905; *Chron. dos Carmelitas* por Fr. José P. de Sant'Anna, t. 2.º

Comba (Santa)—«*Águas Minero-medicinaes de Portugal*» pelo dr. Alf. L. Lopes.

Condeixa a Velha—*Les arts en Portugal* pelo conde Raczyński, pag. 465; *Archeol. Port.*, IV, 304, VIII, 152, IX, 186; «*Águas minero-medicinaes de Portugal*» pelo dr. Alfredo L. Lopes; *Sepulturas Romanas* (*Portugalia*, t. II, 285); *Os tumulos romanos de Condeixa*, pelo dr. Joaquim Teixeira de Carvalho, (*Illustração Port.*, 2.ª série, n.º 3).

Constancia—«*Águas minero-medicinaes de Portugal*» pelo dr. A. L. Lopes; *Archeol. Port.*, X, 281; *Portugal*, *dicc. illust.*, vol. 2.º; *Portugal contemp.* por Augusto Forjaz; *A nossa patria*, n.º 47.

Coruche—«*Hist. da admin. publ. em Portugal*» pelo dr. Gama Barros; *Archeol. Portug.*, V, 104; *Diario de Noticias* n.º 13696 (1904).

Covas—«*O Minho e suas culturas*» pelo visconde de Villarinho de S. Romão.

Covilhã—*Pero da Covilhã*, episodio romantico do seculo XV, por Zephyrino Brandão; *Viagens de Pero da Covilhã*, estudo histor., pelo conde de Ficalho; *O Seculo* n.º 3474 (1891); «*O collegio de S. Fiel no Lourical do Campo e o de N. S.ª da Conceição na Covilhã*. Apontam. sobre o jesuitismo no districto de Castello Branco, pelo dr. J. A. Sousa Refoios (Coimbra, Livr. de M. de Almeida Cabral); «*Hist. da admin. publ. em Portugal*» pelo dr. Gama Barros; *Brasil-Portugal* n.º 132, 1904; *Portugal*, *dicc. illust.*; *Portugal contemp.* por A. Forjaz.

Crato—*Dicc. dos Architectos* pelo dr. Sousa Viterbo; 2.º vol., 517; *O Seculo* n.º 3808, (1892); «*Hist. da admin. publ. em Portugal*» pelo dr. Gama Barros.

- Creixomil**—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes.
- Cruz Quebrada**—*Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, x, 169); *Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, t. x, n.º 6).
- Dornellas**—*Archeol. Port.*, iv, 135 e 136.
- Douro**—«Os portos maritimos de Portugal e ilhas adjacentes» pelo conselheiro Adolpho Loureiro.
- Dume**—*Archeol. Port.*, iv, 136.
- Eiriz**, conc. de Paços de Ferreira.—*Archeol. Port.* vii, n.ºs 10 e 11, pag. 265.
- Elvas**—*Estudos e notas elvenses* por Antonio Thomás Pires; *Dicc. dos architectos* pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., pag. 516; *Através dos campos*—usos e costumes agricolo-alemtejanos (concelho de Elvas) por José da Silva Picão (1903); *Portugalia*, t. i, 751; *Primeiro de Janeiro*, n.º 109, 1904; *Portugal* por Ricardo Kessler; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Archeol. Port.*, iv, 137, vi, 209, ix, n.ºs 7 a 10, pag. 219; «Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes; *Diario de Noticias* n.º 13939 (1904), 14300 (1905); *A nossa patria* n.º 9, 1905; *As aguas d'Elvas* por Antonio dos Santos Cidraes (Elvas, 1904); *Archeol. Port.*, x, 280; *O Paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; Monument commémoratif de la journée d'Elvas (*Notice sur quelques monuments historiques portugais* par Manuel Roquette); *Diario de Noticias*, 15, jan., 1906; *Portugal contempor.* por A. Forjaz; *A olaria em Elvas* (*Portugalia*, t. ii, pag. 274); *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. x, 451; *Portugal*, dice. illust.; *Portugal e Miguel Angelo Buonarroti*. Interpretação de um grupo do «Juizo Final» da Capella Sixtina por Antonio de Sousa Silva Costa Lobo (Lisboa 1906).
- Ericeira**—*O Seculo* n.º 7785 (1903); Alman. da «Folha de Torres Vedras» para 1904; Alman. Palhares, 1905; *A villa da Ericeira* por Gabriel Pereira (1905); *O Paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; *Portugal*, dice. illustr.; *Bol. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 8, t. x.
- Escalhão**—*Archeol. Port.*, iv, 142 e 143.
- Escariz**— » » » » »

- Espinho**—*O Seculo* n.ºs 5308 (1896), 5634 (1897); *Portugal* por Ricardo Kessler; *A nossa patria*, n.º 9, 1905.
- Espozende**—«Os portos marítimos de Portugal e ilhas adjacentes pelo conselheiro Adolpho Loureiro; *Archeol. Port.*, IV, 144; *O Seculo* n.º 7673 (1903); *A nossa patria*, n.º 38; *Portugal*, *dicc. illust.*
- Estoi**—*Archeol. Port.*, IV, 145, 158, 256.
- Estoril (S. João do)**—*O Seculo* n.ºs 4162 (1893) e 4905 (1895).
- Estremoz**—*Portugal* por Ricardo Kessler; *Archeol. Port.*, IV, 147; *A arte em Portugal e o dr. Malheiro Dias* por José Queiroz (Art. do *Diario de Noticias*, 23, out., 1905); *O Paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; *Batailles de l'Ameixial e de Montes Claros (Notice sur quelques monuments historiques portugais* par Manuel Roquette); *Paços reaes*—palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Portugal contempor.* por A. Forjaz; *Portugal*, *dicc. illust.*
- Evora**—*Dicc. dos architectos* pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 494, 510; «A colleção de desenhos e pinturas da Bibliotheca d'Evora em 1884» por Gabriel Pereira (1903); *Evora e seus arredores* por Antonio Francisco Barata (folh. de 50 pag. com 30 phototypias, 1904); *Solar da Sempre-Noiva*, por Gabriel Pereira (*Serões*, rev. mensal, n.º 5); *Portugal* por Ricardo Kessler; *O Seculo* n.º 3974 (1893); *Construcção moderna* n.ºs 69, 94 e 97; «Catalogo do Museu archeologico da cidade d'Evora, annexo de sua bibliotheca, composto por Antonio Francisco Barata (Lisboa, 1903); *Serões*, n.ºs 14 e 15; *Archeol. port.*, IV, 121, 149, V, 110, 171, VI, 61, 82, 135, VII, 283; «Hist da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Os amores do principe perfeito* por Arthur Lobo d'Avila; «Visitas de D. João V á inquisição de Eyora» por J. Ramos Coelho (1902); *Occidente*, 1903, pag. 124; *Noites de insomnia* por Camillo C. Branco, n.ºs 6 e 7; *Brasil-Portugal*, 1902, pag. 249, 1902, 580; *Portugalia*, II., 80 e 82; *Serões*, 2.ª série, n.º 2, 170; *Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, t. X, pag. 107); *Portugal artistico*, dir.º Eduardo Sequeira (650 illustr.), 1.ª série, 1905; *A arte em Portugal e o sr. Malheiro Dias* por José Queiroz (art. no *Diario de Noticias*, 23, out., 1905); *O Paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; *Paços reaes*, palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.ºs 7 e 9, t. X; *A nossa patria*, n.º 31; *Breve noticia* do mosteiro de Santa Helena em Evora por A. F.

Barata (1899); *Carteira do artista* por Sousa Bastos, pag. 679; *Elem. para a hist. do munic. de Lisboa* por E. Freire de Oliveira, t. IV, pag. 270 a 333; «O regulamento de 1392 da cidade de Evora e o seu archivo» por Pedro A. de Azevedo (*Archeol. Port.*, XI, 85); *Portugal*, dicc. illustr.; *Portugal contempor.* por A. Forjaz; *A arte e a nat. em Portugal*, fasc. n.º 68; *Antiguidades romanas* em S. Miguel de Machede (*Serões*, 2.ª série, n.º 16).

Fafe—*Portugal contemporaneo*, por A. Forjaz.

Faro—*Portugal* por Ricardo Kessler; «*Hist. da admin. publ. em Portugal*» pelo dr. Gama Barros: *O Seculo* n.º 5896 (1898); *Archeol. Port.*, IV, 245, VI, 87, VII, 35, VIII, 171; «*Relat. da assistencia nacional aos tuberculosos, 1902-03*, pag. 183; «*Assistance maritime. Les Compromissos de la côte d'Algarve* par J. M. de Mello de Mattos; *Portugal contemp.* por A. Forjaz; *A arte e a nat. em Portugal*, fasc. n.º 69; *A nossa patria*, n.º 39; *Portugal*, dicc. illustr.

Feira—*Archeol. Port.*, IV, 246; *Brasil-Portugal*, 1903, pag. 63; *O Diario*, n.º 848 (1905); *A nossa patria*, n.º 43; *Portugal contemp.* por A. Forjaz.

Felgueira—*O Seculo*, n.º 6383 (1899).

Felgueiras—*Archeol. Port.*, IV, 248; «*Agua mineral-medica de Portugal*» pelo dr. Alf. L. Lopes.

Ferreira de Aves, conc. de Satam.—*Archeol. Port.*, IV, 248; VII, pag. 312.

Ferreira do Alemtejo—*Portugalia*, II, 83.

Fiães—*Archeol. Port.*, IV, 250.

Figueira da Foz—*Portugalia*, t. I, 810; «*Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, t. I, n.º 2; *Archeol. Port.*, v, 122, 177, 202 e segg., VI, 59, 99; VII, 98; IX, pag. 9; *O Seculo* n.ºs 4113 e 4120 (1893); *Brasil-Portugal*, 1899, n.º 10; 1905, n.º de Setembro; Almanach Palhares, 1904 e 1905; *Portugalia*, II, 47; *O Diario* n.º 980 (1905); *Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. C. e Archeol. Port.*, x, n.º 3, pag. 114); «*Guia pratico do banhista na Figueira da Foz*». Illustrado com vistas d'esta cidade, contendo variadas informações (Figueira, 1905, 8.º peq.); *A Figueira da Foz*, art. de Ramalho Ortigão, nas *Republicas*, revista politica e litteraria, 1886, n.º 79. *O Museu Municipal da Figueira da Foz*. Catalogo geral com indicação dos escriptos e desenhos que se tem publicado sobre muitos dos objectos cata-

logados, pelo dr. Antonio dos Santos Rocha (Figueira, 1905); *Portugal contemp.* por A. Forjaz; *Illustr. port.*, 2.^a série, n.º 28.

Figueira de Castello Branco—*A nossa patria*, n.º 36.

Figueiró dos Vinhos—«*Hist. de Port.*» de P. Chagas, 3.^a ed., IX, pag. 145, 225, 261, 315, 632 a 638; *O Diario* n.º 959 (1905).

Fornos d'Algodres—*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. X, 444, 457.

Foz do Douro—*Portugal* por Ricardo Kessler.

Freixo—«*Hist. da admin. publ. em Portugal*» pelo dr. Gama Barros.

Freixo d'Espada á Cinta—*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 9, t. X, 448.

Friellas—*Portugal contemp.* por A. Forjaz.

Fromariz, freg., conc. de Paredes de Coura—«*Estudos do Alto Minho* (Machados de duplo anel) pelo dr. Felix Alves Pereira.

Fronteira—*Relação do bispado d'Elvas* pelo dr. Antonio Gonçalves de Novaes (Lisboa, 1635).

Fundão—*A viuva do enforcado* por Camillo C. Branco (Novellas do Minho); *Tres aldeias* por Costa Goodolphim (1904); *Uma romaria beiróa* pelo dr. Alfredo da Cunha (*Diario de Noticias* n.º 13930, 1904); *Diario de Noticias* n.º 14296 (1905); *A nossa patria*, n.º 19.

Gavião—«*Aguas minero-medicinaes de Portugal*» pelo dr. Alf. L. Lopes.

Gaya (Villa Nova de)—*O castello de Gaya* por João Vaz. Augment. com um pref. e hist. de Gaya por Henrique Duarte Sousa Reis (Porto, 1877, 1 folh., com 2 estampas); «*Hist. da admin. publ. em Portugal*» pelo dr. Gama Barros; Museu municipal «*Azuága*»; *Portugalia*, III, 117.

Gerez—*Brasil-Portugal*, 1900, pag. 223.

Góes—*Serões*, 2.^a série, n.º 1.

Gollegã—«*Hist. da admin. publ. em Portugal*» pelo dr. Gama Barros; *A arte e a nat. em Portugal*, fasc. n.º 70.

Gouveia—*Viriatho*, narrativa epo-historica pelo dr. Theophilo Braga, pag. 158; «*Hist. da admin. publ. em Portugal*» pelo dr. Gama Barros; *Brasil-Portugal*, 1904, n.º 134.

Grade, freg., conc. de Arcos de Val de Vez—*Estudos do Alto Minho* (Uma primicia de epigraphia funeraria romana) pelo dr. Felix Alves Pereira, 1904.

- Grijó**—*Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos A. e A. P.*, x, n.º 5); Mosteiro, por Silva Ventura (*Illustr. port.*, 2.ª série, n.º 41).
- Guarda**—*Construcção moderna*, n.ºs 53, 62, 65, 68, 71, 74, 77, 80, 83, 87; *Archeol. Port.*, ix, n.ºs 11 e 12, pag. 296; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Brasil-Portugal* n.º 134, 1904; *Occidente*, 1903, pag. 133, 145; *O Diario* n.º 1029, (1905); *O Paço de Cintra* pelo Conde de Sabugosa; *Portugal contemp.* por A. Forjaz.
- Guidões**—*Portugal*, t. II, pag. 288.
- Guifões**, conc. de Bouças—*Portugalia*, I, 828; *Archeol. Port.*, IV, 270, 320.
- Guimarães**—*Dicc. dos Architectos* pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 505; «Guimarães e Santa Maria—Hist. do culto de N. S. no concelho de Guimarães por J. G. de Oliveira Guimarães (1904); «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Archeol. Port.*, IV, 277, VI, 173 e segg., VIII, 214, IX, n.ºs 3 a 6; *Brasil-Portugal*, 1899, n.º 14; *Primeiro de Janeiro* n.º 192, 1904; *Construcção moderna*, n.º 30; *A viuva do enforcado* por C. Castello Branco (Novellas do Minho); *O Seculo*, n.ºs 4342, 4356 e 4369 (1894); *A nossa patria*, n.º 4, 1905; *Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, x, 177); *A casa portugueza*, por R. Peixoto (*Os Serões*, 2.ª série, n.º 3); *Oito dias no Minho* por G. C.; *Archeol. Port.*, x, 208; *Cruzeiros notaveis* por Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos A. e A. P.*, t. x, n.º 5); *Paços reaes*—palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; Monographia de Guimarães pelo rev. abb. de Tagilde (1905); Catalogo dos pergaminhos existentes no archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães (*Archeol. Port.*, XI, 93); *Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, n.º 7, t. x; *Port. Contempor.*, por A. Forjaz; *As alegres canções do norte* por Alb. Pimentel; *Portugalia*, t. II, 271; *Brasil-Portugal*, n.º 181.
- Idanha a Nova**—*Archeol. Port.*, IV, 79; «Dicc. dos Architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 512.
- Idanha a Velha**—*Archeol. Port.*, IV, 321; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros.
- Ilhavo**—*O Diario* n.º 834; *O Seculo* n.ºs 4287 (1893) e 6008 (1898).
- Insoa (Quinta da)**, Beira Alta—*Archeol. Port.*, v, 138.

- João (S.) de Arcias**—*O domingo illustrado*, 4.º vol.; *Indice parlamentar*, I, pag. 100; *O sargento mór de Villar*, por Arnaldo Gama.
- João (S.) do Campo**—*Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., VI, 619.
- Juromenha**—*Archeol. Port.*, VII, pag. 263; *Relação do bispado d'Elvas* pelo dr. Antonio Gonçalves de Novaes (Lisboa, 1635).
- Lagoa**—*Archeol. Port.*, VIII, 212.
- Lagos**—*Serões*, n.º 8; *Archeol. Port.*, IV, 96, v, 102; *Portugalia*, I, 816 e segg.; *Brasil-Portugal*, 1903, pag. 279; «Istoria do cativoiro dos prezos d'Estado da Torre de S. Julião da Barra de Lisboa durante a desastroza epoca da usurpação do legitimo governo constitucional deste reino de Portugal» por João Baptista da Silva Lopes, um dos martyres da referida torre. Lisboa, 1833, t. I, pag. 2 e segg.; Les «Compromissos» de la côte d'Algarve par J. M. de Mello de Mattos; *A arte e a natureza em Portugal*, fasc. n.º 55; *Portugal contemp.* por A. Forjaz; *O Paço de Cintra* pelo Conde de Sabugosa; «Ruines d'antiques établissements à salaisons sur le littoral sud du Portugal pelo dr. A. Mesquita de Figueiredo (Separ. des «Annales de la Faculté des Lettres de Bordeaux et des Universités du Midi, Bulletin Hispanique», n.º 2, 1906).
- Lamas de Orelhão**—*Archeol. Port.*, v, 30, 290; VII, 11; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros.
- Lamego**—*Archeol. Port.*, IV, pag. 52; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *A nossa patria*, n.ºs 14 e 17.
- Landim**—*A nossa patria*, n.º 18.
- Lanhellas**—*Portugal artistico*, dir.º Eduardo Sequeira (650 illust.), 1.ª série, 1905.
- Lanhoso**—*A nossa patria*, n.º 12, 1905.
- Laranjeiras**—*Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, t. X, n.º 3, pag. 105).
- Lavradio**—*Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.ª ed., IX, 369, 639.
- Lebução**, freg., conc. de Valpassos—*Portugalia*, vol. II, pag. 1 e segg.
- Leça da Palmeira**—«Dice. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 533.
- Leça do Balio**—*Portugal artistico*, 1.ª série, pag. 699; *O Paço de Cintra* pelo Conde de Sabugosa; *Portugal* por Ricardo Kessler; *Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port.*, t. X, n.º 3, pag. 110). Castellos do norte de Portugal por Manuel Monteiro (*Serões*, 2.ª série, n.º 10).

Leiria—*Portugal* por Ricardo Kessler; «Dicc. dos architectos» pelo dr. Sousa Viterbo, 2.^o vol., pag. xx, 501; *Construcção moderna*, n.^{os} 114, 119, 134, 145; *O Seculo* n.^o 3544 (1891); «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Leiria illustrada*, semanario illustrado, litterario e noticioso; «Memoria sobre o templo e culto de N. S.^a da Encarnação, padroeira da cidade de Leiria» por Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, 1904; «Breve memoria da egreja parochial de Maceira no concelho de Leiria por José Pereira da Costa (1 folheto, 1900); *Archeol. Port.*, v, 117, 167, 330, vii, 313; *Hist. de Port.* de P. Chagas, 3.^a edição, viii, 605 a 613; ix, 153, 177, 277, 632 a 637, x, pag. 25 e 621; Alman. Palhares, 1905; *A ala dos namorados*, rom. hist. por Antonio de Campos Junior (*Diario de Noticias*, 1905); *A nossa patria*, n.^{os} 15 e 48; Dissertação historica e critica, que mostra não deu o senhor rei D. Affonso Henriques ao mosteiro real de Santa Cruz de Coimbra o dominio temporal de Leiria, etc., por frei Manuel de Figueiredo (Lisboa, 1790, 4.^o de 23 pag.); *O paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; *A nossa patria*, n.^o 21; *Paços reaes*—palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; «Hist. da beneficenc. publ. em Portugal» por Victor Ribeiro (*O Instituto*, vol. 53.^o pag. 4); *Portugal contemp.* por A. Forjaz; *Diario de Noticias* n.^o 14586 (1906).

Leixões—*Portugal* por Ricardo Kessler.

Linhares—«Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. L. Lopes; «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Hist. de Portugal* de P. Chagas, iii, 633, 3.^a ed.

Lisboa—«Roteiro do viajante no continente e nos caminhos de ferro de Portugal» por João Antonio Peres Abreu (Coimbra, 1865); «Guide du voyageur à Lisbonne. Histoire. Monuments. Mœurs». Par Olivier Merson (Paris, 1857); «Regulação para o estabelecimento da pequena posta, caixas e portadores de cartas em Lisboa» (1801); «Planta e roteiro da cidade de Lisboa e seus arredores com os melhoramentos construidos, projectados e em construcção, gravada e publicada por A. A. Martins» (1887); «Guia de viajantes em Lisboa» (1845); «Nova descripção de Lisboa, dos seus arredores e de Cintra, Pena e Mafra, com um ensaio historico de tudo quanto esta capital contém de mais notavel» (1853); Casa dos Vinte e Quatro, muralha de S. Pedro de Alcantara, Sé patriarchal, (*Elementos para a Hist. do Mun. de Lisboa* por Eduardo

F. de Oliveira, XIII, pag. 433 a 442, nota; 458 a 462, nota, 617 a 620); Seminarios inglezes, convento da Graça, Paços reaes (*Dicc. dos architectos* pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol., 525, 529, 536, 538); A fabrica de Louça do Rato (*Archeol. Port.*, IV, 161 e segg.); Convento de S. Francisco de Xabregas (*Dicc. dos architectos* pelo dr. Sousa Viterbo, 2.º vol.); *Portugal* por Ricardo Kessler; Igreja de S. Luiz de França, Theatro de S. Carlos, Ermida do Resgate, Igreja de S. Thiago, Collegio dos Nobres, Igrejas de S. José, de Santa Engracia, do Sacramento e de S. Paulo, Obras de Santa Engracia (*Hist. de Port. de P. Chagas*, 3.ª ed., VIII, 590 a 608); Capella de S. João Baptista pelo dr. Sousa Viterbo (*Serões*, rev. mensal illust., n.º 4); «Convento de N. S.ª dos Remedios dos frades carmelitas descalços, Mariannos, em Lisboa, precedido de um estudo biographico ácerca de Salvador Corrêa de Sá e Benevides e seu jazigo» por Guilherme P. Dagge (Lisboa, 1872, in-8.º de 34 pag.); *Bibliothecas e archivos nacionaes* por Gabriel Pereira (1903); *A collecção de pinturas do sr. Duque de Palmella* por G. Pereira (1903); «Catalogo dos desenhos e aguarellas do album Cifka da Bibliotheca Nacional de Lisboa» por Gabriel Pereira; *Museu Nacional de Bellas Artes*.—Aspecto geral, por Gabriel Pereira; *Os theatros de Lisboa* por Julio Cesar Machado, com illustr. de Bordallo Pinheiro; «A collecção dos codices com illuminuras da Bibliotheca Nacional de Lisboa» por Gabriel Pereira; *Memoria topographica da antiga Lisboa* (compilação) por José Joaquim de Ascensão Valdez; «Memoria historico-descriptiva das linhas que cobriram Lisboa em 1834, por um official de engenheiros do exercito de Portugal (Pangim, 1840); «Memorias historicas dos applausos com que a côrte e cidade de Lisboa celebrou o nascimento e baptismo da Seren. Princeza da Beira», por Ignacio de Sousa Menezes (Lisboa, 1793); «Voyage pittoresque en Espagne et en Portugal» par Émile Bégin (Paris, in-4.º); *Archeol. Port.*, IV, 340, V, 153, 173, 212 e segg., 257, 283, 305, VI, 63, 90, 113, VII, 63, 241, 311, VIII, 41, 120, IX, 16, 65 a 72, 195 a 198; «*Descripção de Portugal*—apontamentos e notas de sua historia antiga e moderna, ecclesiastica, civil e militar (Lisboa, 1817); *Os jardins de Lisboa* (*Serões*, n.º 11); *Eduardo ou Os mysterios do Limoeiro* pelo padre João Candido de Carvalho (Padre Rabecão), 1849.; *Os amores do principe perfeito* por Arthur

Lobo d'Avila; «*Inquerito aos pateos de Lisboa*. Anno de 1902. (Publ. feita pelo Min. das Obras Publ., Conselho de melhoram. sanit.); Igreja dos Anjos, Convento da Annunciada, Palacio da Annunciada (*Portugal*, dice. illust., 1); Monumento a Sousa Martins (*Construcção moderna*, n.º 90); Monumento a Eça de Queiroz (*Occid.*, 1903, pag. 252); Monumento a Affonso de Albuquerque (*Brasil-Portugal*, 1902, pag. 665); *A Eça de Queiroz*—na inauguração do seu monumento, discursos do conde de Arnoso, Luiz de Magalhães, Ramalho Ortigão, Antonio Candido, etc.; Monumento a Sousa Martins (*Brasil-Portugal*, 1904, n.º 124); Monumento a Eduardo Coelho (*Diario de Noticias*, 30, Dezembro, 1904); *Construcção moderna*, n.º 91; Tumulo de Oliveira Martins (*Occidente*, 1903, pag. 260); Monumento ao marechal duque de Saldanha (*Brasil-Portugal*, 1904, n.º 132); «Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Construcção moderna*, passim; *Gil Vicente* pelo general J. I. de Brito Rebello; «Encyclopedia de applicações usuaes» por João Bonança; *Serões*, n.ºs 16 e 17; *De la colonisation chez les peuples modernes* par Paul Leroy Beaulieu (Paris, 1891); «Aguas minero-medicinaes de Portugal» pelo dr. Alf. Luiz Lopes; «Travaux les plus récents executés dans les principaux ports littoraux ou maritimes du Portugal.» 8.^{me} Congrès international de navigation. Rapport par Mr. J. V. Mendes Guerreiro (Paris, 1900); Géographie générale. . . par L. Grégoire (Paris—Garnier Frères, édit.); «Collecção dos livros de côro dos conventos extinctos» por Gabriel Pereira (Bibliotheca Nacional de Lisboa, 1904); *Mestre d'Aviz*, rom. hist. de Rocha Martins; Les «Compromissos» de la Côte d'Algarve par J. M. de Mello de Mattos (Congrès maritime international de Lisbonne, 1904); *Triste (A) Canção do Sul* por Alberto Pimentel (1904); «Relatorio da Assistencia nacional aos tuberculosos, 1902-1903»; *The cosmopolitan*, revista americana, outubro de 1904 (artigo de Josiah Ward, *Lisbon the fair*); *Noites de insomnia* por Camillo Castello Branco, n.ºs 2, 7 e 8; *Os papeis de meu pae* por Eduardo Montufar Barreiros (1904); «Idéa geral dos calcareos empregados nas construcções de Lisboa» por Francisco Luiz Pereira de Sousa (1904); *A architectura religiosa na Idade-Média* por Augusto Fuschini; *Coches reaes* (*Occidente*, 1903, pag. 69); Nova lapide funeraria dos suburbios de Olisipo (*Archeol. Port.*, IX, n.ºs 3 a 6); A ribeira nova

(*O Seculo* n.º 7834, 1903); Planta de Lisboa por J. V. de Freitas, 1905; *A ala dos namorados*, rom. hist. por Antonio de Campos Junior (*Diario de Noticias*, 1905); *Collecções e Museus de arte em Lisboa* por Alfredo Keil; Carta topographica de Lisboa e seus suburbios comprehendendo na sua maior extensão desde o convento dos Religiosos Barbadinhos Italianos até a Bateria do Bom Successo e na maior largura desde o Terreiro do Paço até o Campo pequeno levantada no anno de 1807 debaixo da direcção do Capp.^m Engenheiro Duarte José Fava. Reduzida e Desenhada na Casa do Risco das Obras Publicas no anno de 1826, sendo Intendente o Capp.^m Engenheiro José Bento de Sousa Fava e lithographada pelos Praticantes da mesma Casa do Risco no anno de 1831, por Ordem do Fiscal das Obras Publicas, o Conselheiro José Francisco Braamcamp de Almeida Castel Branco; Lisboa em 1854 (art. no *Arch. Pittor.*, t. VI, por Antonio José de Figueiredo); Planta geral da cidade de Lisboa, restabelecida com as cotas de nivelamento referidas ao nivel medio das aguas do Tejo . . . por Carlos Pezerat e Francisco e Cesar Goullard, 1856; *Description et délices d'Espagne et Portugal* por D. Juan Alvarez de Colmenar; *Voyages de M. de Monconys; Travels through Spain and Portugal in 1774* por Major W. Dalrymple; *Recordações e viagens* por Anthero de Figueiredo; *Voyage en Espagne et en Portugal en 1772* par Richard Twiss; O Atheneu Commercial de Lisboa, Noticia historica por Victor Ribeiro (1905); Archeologia portugueza. *A sé de Lisboa*, pelo conego Luis Duarte Villela da Silva, publicação de Sebastião José Ribeiro de Sá (*Revista universal lisbonense*, de 1857); *Cartas de Lisboa* por Carlos Malheiro Dias (2 volumes); Monumentos de Lisboa (*Brasil-Portugal*, setembro de 1905); *Impressions d'Espagne et du Portugal* par le Duc de la Salle de Rochemaure (Aurillac, 1905); *A arte em Portugal e o sr. Malheiro Dias* por José Queiroz (art. no *Diario de Noticias*, 23, out. 1905); Convento do Carmo (*A nossa patria* n.º 21); *O Paço de Cintra* pelo conde de Sabugosa; *O Instituto* n.º 10, vol. 52, art. de Victor Ribeiro; «O desacato na Igreja de Santa Engracia e as insignias dos Escravos do S.^{mo} Sacramento por Arthur Lamas (*Archeol. Port.*, x, 224); *Paços reaes*, palestra associativa por A. J. Mimoso Ruiz; O real observatorio astronomico de Lisboa (*Serões*, 2.^a série, n.º 4); *O Archivo da Torre do Tombo* (sua historia, corpos que o

compõem e organização) por Pedro A. de Azevedo e Antonio Baião (1905); *Cruzeiros notáveis* pelo dr. Sousa Viterbo (*Bol. da R. A. dos A. e A. P.*, t. x, n.º 5); Ermida de N. S.^a da Pureza em Lisboa por Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos (*Bol. da R. A. dos A. e A. P.*, t. x, n.ºs 5 e 6); A casa onde falleceu Bocage. Notícia historica commemorativa do 1.º centenario da morte do poeta por Antonio Cesar Mêna Junior (*Bol. da R. A. dos A. e A. P.*, t. x, n.º 6); Viagem em Portugal (1798-1802) pelo pastor protestante C. J. Ruders (*Diario de Noticias* n.ºs 14409 e 14505, 1906); *Mes vacances en Espagne* por Edgar Quinet; *Mosteiros reaes* por Mimoso Ruiz (Esperança, Carmo, Madre de Deus, etc.) *Serões* (2.^a série, n.ºs 7 e 9); *A rua do Ouro*, rom. por Alfredo de Mesquita (1906); *Port. contemp.* por A. Forjaz; *O judeu*, rom. hist. por C. Castello Branco, vol. 2.º, 3.^a ed., pag. 85, 106 e seguintes; *As alegres canções do norte* por Alb. Pimentel; *Castellos do norte de Portugal* por Manuel Monteiro, O matadouro, *Torre do Tombo* por D. José Pessanha (*Serões*, 2.^a série, n.ºs 10 a 13); «Memoria e memorial ácerca do prior de S. Nicolau, Rosario e Mello, e a sacristia da Madre de Deus» por J. J. Gomes de Brito; *Chronica dos Carmelitas* por Fr. Joseph Pereira de Santa Anna (Lisboa, 1745); *Archeologia do theatro portuguez*, 1588-1762, por J. M. A. Nogueira (*Bol. da R. A. dos A. e A. P.*, t. x, n.ºs 8 e 10); Vistas de Lisboa (*Chronica planetaria* por José Augusto Corrêa, 1903, 240 gravuras); *Paço da inquisição* (*Serões*, 2.^a série, n.º 14); Convento dos religiosos de S. Caetano, Igreja dos Inglezinhos, Convento de S. Francisco da Cidade, Campo de Santa Anna, Igreja do Espirito Santo, (*Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, 1.^a p.º, t. XIV, pag. 2 a 8, 18 e 19, 40 e 114, por Eduardo Freire de Oliveira); Terremoto, O antigo passeio publico (*Illustr. port.*, 2.^a série, 25, 26); Relação verdadeira e individual do formidavel incendio que se ateou no Hospital de Todos os Santos da cidade de Lisboa em 10 de agosto de 1750 (1750—4.º de 8 pag.); Hospital de todos os Santos, hoje denominado de S. José, pelo dr. Alfredo Luiz Lopes (1890); Relações e outros papeis de varios auctores que escreveram ácerca do terremoto de 1755 ou se referiram a esta catastrophe (*Diccion. bibliogr. portuguez* por Brito Aranha, tomo XVIII, pag. 246 e segg.); Theatros de Lisboa (*Carteira do artista* por Sousa Bastos); Publicações mandadas fazer

para a exposição universal de Paris em 1900 (*Dicc. bibliogr. port.* por Brito Aranha, t. XVIII, pag. 332 e segg.); *Camões* («Obras completas de A. F. de Castilho» revistas, annotadas e prefaciadas por um de seus filhos—Julio de Castilho (1906); *Portugal e Miguel Angelo Buonarrotti*. Interpretação de um grupo do «Juizo Final» da Capella Sixtina por Antonio de Sousa Silva Costa Lobo; *Alfama*—uma digressão através deste pittoresco bairro de Lisboa antiga por Victor Ribeiro; e *A agua em Lisboa (Serões, 2.ª série, n.º 15)*; *Hist. da Real Casa de Santo Antonio* pelos vereadores Dr. Levy Maria Jordão e José do Nascimento Gonçalves Corrêa (1857); Convento do Corpo Santo; Pateo das Comedias das Fangas da Farinha; Hospital de S. Lazaro, (*Elementos para a hist. do mon. de Lisboa* por Eduardo Freire de Oliveira, XIV, 240 e segg., 529 e segg.); As novas construcções de Lisboa, D. Nuno Alvares Pereira, Hist. dos velhos pateos de Belem e da Ajuda, Camara dos Deputados, A estatua equestre, Forte da Junqueira no tempo do marquez de Pombal, Typos das ruas de Lisboa em 1840; Um theatro romano na rua de S. Mamede (*Illustração port.*, 2.ª série, n.ºs 3, 9, 13, 14, 17, 21, 23, 29).

Longroiva—«Aguas min.-medicinaes de Portugal» pelo dr. A. L. Lopes.

Lordello, freg. de Ancêde, conc. de Baião.—*Portugalia*, vol. II, 74.

Lorvão—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *O Diario* n.º 1043 (1905) *Mosteiros reaes* por Mimoso Ruiz.

Loulé—«Hist. da admin. publ. em Portugal» pelo dr. Gama Barros; *Brasil-Portugal*, 1903, pag. 223; *Construcção moderna*, n.º 103; Monographia do concelho de Loulé pelo dr. Athaide Oliveira (1905).

Loures—*De Bemfica á Quinta do Correio Mór* por Gabriel Pereira; *Diario de Noticias* n.º 14056; *Cruzeiros notaveis* pelo dr. Sousa Viterbo (Bol. da R. A. dos Archit. e Archeol. Port., x, n.º 3, pag. 109).

(*Continúa*).

A INFANTA D. MARIA

e o seu Hospital da Luz

(Continuado do n.º 11, t. x)

VI—O que nos resta da Infanta

Infunde tristeza o pensar nesta grande e poderosa Infanta, rodeada de avultada fortuna, mas agrilhoada por essa mesma riqueza enquanto viva, pobre victima paciente e resignada de ambições e intrigas palacianas, e que porfim nem depois de morta lhe cumprem as derradeiras vontades os gananciosos testamenteiros que delapidaram o farto peculio da sua herança.

E, até mesmo o pouco que á custa de suas deixas e legados se creou, tudo foi desaparecendo de tal modo que, presentemente, quasi nada resta a attestar-nos a memoria caridosa da opulenta Infanta.

Extinguiu-se o hospital, sua predilecta instituição; ruiu por terra a igreja dos freires; perdeu-se o rendimento que assegurava o cumprimento de suas disposições caritativas; não ha della retrato indubitavelmente autentico; apenas persistiram algumas escassas memorias epigraphicas ou escriptas, que passarei a mencionar.

Da rica herdeira, cujos bens tão ambicionados fôram, diz-nos Damião de Goes o bastante para ajuizarmos da fama da sua grandeza. Conta-nos o chronista como, fallecida em Castella a rainha D. Leonor, viuva de D. Manuel, della:—*«a senhora Infante, sua unica erdeira, owe baixellas douro, prata, joias, pedras preciosas, tapeçarias douro e seda e outros enxovaes, com que, & com o senechalado de Agenois em Gasconha, & o de margar, & os senhorios de rios, ribeiras, Verdum, & Albigoes em Languedoch, de que he senhora soberana de juro, & cem mil escudos que lhe dessem os reis de França & de juro que tem em Castella, o que lhe tudo ficou de sua mai, & com a cidade de Vi-*

ESTAMPA V



Fachada lateral da Igreja da Luz—Nicho com a imagem de pedra da Senhora da Luz,
sobre a fonte da Machada.

(Cliché do Sr. Jayme de Sousa)

seu, & a Villa de Torres Vedras, que são de seu patrimonio de juro, & assentamento que tem neste regno traz tam honrrada casa de criados, damas, & outros familiares que pera se dizer que he igual a todas Rainhas de Europa, lhe nam falta mais que o nome de huma dellas.» (1)

De nada lhe valeu esta grandeza senão para ser martyrisada em vida e largamente defraudada a herança, depois da sua morte.

Não falando mais da capella-mór e cruzeiro do convento da Luz, onde está a sua sepultura, e dos restos do edificio do hospital, vejamos que destino tiveram algumas das suas instituições.

O sumptuoso Convento da Encarnação, edificado á custa dos seus legados, conforme a verba testamentaria respectiva, conserva sobre a porta da igreja, que nada padeceu com o terremoto, e sob o brasão de pedra da Infanta, uma inscripção memorando a sua insigne fundadora. Diz este letreiro:

SERENIS.^A PRINCEPS MARIE MAXIMIE MANVELIS FILIA
 HOC PIETATE OPVS AFFECTA RELIGIONI CONSECRAVIT
 ET DIVINO DICAVIT INCARNATIONIS MYSTERIO.

Em Torres Vedras, tambem escassas memorias restam da Infanta D. Manuel déra-lhe, além do senhorio de Viseu, o daquella villa, apannagio da Casa das Rainhas. A villa de Torres fôra da rainha D. Filipa de Lencastre, da infanta D. Isabel, duqueza de Borgonha, filha de D. João I, das rainhas D. Leonor, mulher de D. Duarte, D. Leonor, mulher de D. João II, D. Isabel e D. Maria mulheres de D. Manuel. Por morte destas deu D. Manuel o senhorio de Torres Vedras á infanta D. Isabel, e pelo casamento desta princeza á Infanta D. Maria.

Dos Paços Velhos, onde a Infanta residia, apenas existiam em 1861 os restos de uma arcada e nelles estavam alojados os açougues da Villa. (2) No formoso Chafariz dos Canos, construido em 1561, se-

(1) *Chronica do serenissimo snor rei D. Manoel, escripta por Damião de Goes.*—Lisboa 1749.—4.^a parte, pag. 569.

(2) *Noticia historica e descriptiva de Torres Vedras* por Moreira Tavares 1862. pag. 45, nota.

gundo se deprehe de um pergaminho do cartorio da Camara, vê-se por cima das ameias e fogareos, na frente, uma lapide antiga que diz: (1)

Erectum est hoc opus per Licenciatū Duardum Velho Judicem jussu Infantis Domine Nostre. Anno 1561.

(Esta obra foi levantada debaixo da inspecção do Licenciado Duarte Velho, Juiz, por mandado da Infanta Nossa Senhora, no anno de 1561).

Alli edificou tambem a Infanta, pelo anno de 1570, o antigo Convento do Barro, dedicado a Nossa Senhora dos Anjos. Relata-nos a historia da fundação o chronista da Arrabida, fr. Antonio da Piedade, na sua — «*Chronica franciscana da Provincia de Santa Maria da Arrabida*», Parte I, livro III, cap. 38. Infelizmente o edificio, vendido depois de 1857 ao padre Rademaker para alli estabelecer o collegio de orfãos e pensionistas, que ainda existe, foi quasi totalmente transformado, e nelle não se encontra hoje memoria ou inscripção alguma que nos lembre o nome da sua fundadora. (2)

Em Alemquer ficaram vestigios de uma breve estada da Infanta. Foi em 1569, quando fugida á peste que ao tempo grassava na capital, ella acompanhou a rainha D. Catharina áquella terra dos seus senhorios. Foram ambas em romaria ao antigo Convento da Carnota, hoje casa e quinta da Carnota, propriedade e residencia do metu illustre consocio e dedicado investigador sr. Guilherme João Carlos Henriques, auctor de muitas e valiosas monographias subordinadas ao titulo geral de — *Alemquer e o seu Concelho*.

A Infanta D. Maria mandou construir na cêrca do Convento um grandioso edificio para *presepio*, dividido em duas partes por um arco. Uma destas divisões destinava-se para os espectadores; era separada por um gradeamento, tal como ainda hoje existe, e tinha as paredes revestidas de mosaico de conchas e de pedaços de louça, obra de bonito desenho e muita paciencia no trabalho.

(1) Dita *Noticia hist. e descript. de Torres Vedras*.

(2) Segundo obsequiosa informação do rev. P.^e Manuel Duarte Nunes, actual Director do Collegio de N. Snr.^a dos Anjos, em carta de 6 de março de 1906.

Na outra estavam as imagens, muitas das quaes eram de barro crú coberto de gesso e verniz, denotando terem sido figuras desenhadas com muita naturalidade e bem moldadas. Mas a madeira do telhado foi apodrecendo, e a chuva foi desfazendo estas imagens. Em 1860 ainda se via isto tudo; hoje o edificio do Presepio, que a Infanta devotamente mandára construir acha-se desmantelado e servindo de cavallariça. Eis o que desta memoria da Infanta nos conta o meu erudito consocio na sua memoria, incluída na serie acima citada, e que se intitula. — «*O Ex-Convento da Carnota.*» (1)

No convento de S. João Evangelista de Xabregas, que o terremoto arruinou, tambem a Infanta D. Maria mandára edificar no cira-do junto ao dormitorio grande, uma capella dedicada a São João Evangelista, tendo impetrado do papa Pio v grandes indulgencias para os fieis que a visitassem confessados e commungados, no dia do mesmo santo. (2)

Num monte a nordeste da villa de Santarem havia uma ermida, chamada dos *Apostolos*, annexa á jurisdicção dos conegos da Collegiada de Santa Maria de Alcaçova, celebrada por uma lenda medieval; comprou-a a Infanta D. Maria, e sobre o mesmo logar edificou uma igreja que doou aos monges beneditinos, com um olival adjacente, onde elles depois foram construindo o convento de S. Bento. A igreja era pequena, com quatro capellas e *rotundo zimborio*, bons retabulos em taboas e imagens de magnifica esculptura. A Infanta deu á sua nova igreja uma reliquia de S. Bento, que lhe enviára de Roma o papa Pio v. (3)

Vendido o convento depois de 1834, demoliram-o, sendo os materiaes vendidos para obras, e o olival que a Infanta comprára, destruido e convertido em cemiterio dos que falléciam das epidemias. (4)

(1) Lisboa, 1901. Um folheto de 38 pag. com gravuras. A pag. 36.

(2) *Ceo aberto na terra, historia das sagradas congregações dos conegos seculares de S. Jorge em Alga de Veneza e de S. João Evangelista em Portugal* / offerece-a ao Principe N. S. o P. Francisco de Santa Maria / cronista geral da mesma congregação, Reytor do Convento de Santo Eloy de Lisboa, Mestre jubilado na sagrada Theologia, Protonotario apostolico, Calificador & revedor do S. Officio, & Examinador das tres ordens militares.—Lisboa, na officina de Manoel Lopes Ferreyra. M.D.CXCVII (1697) com todas as licenças necessárias. Pag. 490.

(3) P.º Ignacio da Piedade e Vasconcellos, *Historia de Santarem edificada, etc.*, Lisboa 1740, pag. 107 a 116 do tomo II.

(4) Pinho Leal, *Santarem*, pag. 546 tomo VIII.

Assim ficou destruída mais essa reliquia da piedosa Infanta, por ella com tanto amor fundada e edificada sobre aquelle formoso outeiro de incomparaveis e dilatados horizontes, de onde se avista em deliciosas aguarellas a paizagem das extensas planuras do Tejo.

*
* *

Das alfaias e ricos objectos com que a Infanta dotou a sua Capella da Luz, a melhor parte desapareceu. Delles restam apenas algumas reliquias preciosas.

Quando em 1842 se fez o Inventario dos bens dos extinctos conventos, já pequena era a lista destas preciosidades, das poucas que haviam escapado á rapina feroz em que desapareceram tantos riquissimos objectos da arte nacional.

Nas — *Contas correntes dos objectos preciosos de ouro, prata e joias que pertenceram aos conventos supprimidos do continente do reino* — laco-nico inventario de valores publicado em Lisboa, pela Imprensa Nacional, em 1842, encontra-se sob o n.º 244 o mappa dos que se relacionaram, existentes no Convento da Luz.

Inventariaram alli:

3 Calices, 2 chaves, 3 colheres, 1 cordão, 7 corôas, 1 cruz, 1 custodia, 1 imagem, 1 habito, 6 ornatos, 3 patênas, 1 pixide, 2 relicarios, 2 salvas, 1 titulo, tudo no valor de 440\$804 réis. Estes objectos fôram entregues á freguezia de Carnide.

Segundo refere o já citado Padre Pereira nas suas *Memorias de Carnide*, destes objectos se fez venda em leilão em 1879, sendo parte destas alfaias adquiridas pelo Museu de Bellas Artes, por influencia do Marquez de Sousa Holstein.

Consultando o dedicado e proficiente thesoureiro da Academia de Bellas Artes sr. Costa, este teve a amabilidade de me communicar uma nota dos objectos adquiridos em leilão em dezembro de 1880 e pertencentes á freguezia de S. Lourenço de Carnide.

Sobresaem entre estes objectos a corôa de ouro com pedras finas, dadiva de D. Manuel ou da Infanta, e a imagem de prata de Nossa Senhora da Luz.

A corôa figurou na exposição de arte ornamental, de 1882; estava na sala M, sob n.º 155-a, e no catalogo respectivo, que nesta parte

ESTAMPA VI



IMAGEM DE PRATA DE NOSSA SENHORA DA LUZ
(existente no *Museu Nacional*).

(Cliché do Sr. M. N. da Costa)

foi elaborado pelo douto Philippe Simões, vem descripta, a pag. 20 pela maneira seguinte:

Corôa fechada de oiro com pedras finas e esmaltes, trabalho arrendado com perolas; dada por D. Maria, filha de D. Manuel, ao convento de Nossa Senhora da Luz, seculo XVI.

O auctor do catalogo, no seu interessante livrinho—*A Exposição retrospectiva de Arte ornamental, cartas ao Correio da Noite*, diz a pag. 100 que—«esta corôa fechada de oiro, adornada com pedras finas e esmaltes, faz bello effeito pelo contraste do oiro, diamantes, perolas e côres branca azul e vermelha das rosaceas esmaltadas.»

A imagem, reproduzida na nossa est. v, segundo photographia obsequiosamente offerecida pelo sr. Costa, é de prata, e assenta em peanha do mesmo metal. As carnes da senhora e do menino são de esmalte, e o manto adornado de pedras de pouco valor. Nas quatro faces e parte superior da peanha lê-se a seguinte inscripção:

Electa ut sol. Esta pianhá e resplandor doeu a nosa senhora da luz dona elena enriques molher de pedro mascarenhas governador que foi da mina ano de 1696.

A corôa chegou no leilão ao lanço de 541\$000 réis e a imagem a 292\$500 réis.

Compraram-se mais no mesmo leilão uma custodia de prata dourada, obra portugueza dos fins de seculo XVII ou principios do XVIII, por 137\$000 réis; uma cruz processional de prata ornamentada, da mesma epocha da imagem, por 38\$500 réis, e uma bacia de peditorio, de prata lisa, tendo em volta o seguinte letreiro:

—*Esta basia deo de esmola á mesa do santissimo sacramento, andré gomes anno 1722.*

Esta bacia custou 9\$500 réis.

Estes objectos acham-se no Museu Nacional de Bellas Artes, excepto a custodia, que a direcção do Museu conseguiu trocar pela que estava na Casa de Correccão, alfaia de muito maior valor artistico, e que tambem figurára na Exposição de Arte ornamental, sob n.º 283 do catalogo.

Dos riquissimos paramentos a que neste artigo fiz referencia, de-

clarados no testamento da Infanta, resta apenas um frontal, que na Exposição de 1882 figurou na sala A, sob n.º 32, emparceirando briosamente com os preciosos tecidos e bordados a oiro dos conventos de Beja, de Evora e de Lorvão. (¹)

Na Capella da Luz conserva-se ainda o pequeno relicario de prata, que o Pontifice offerecêra á Infanta, e dentro do qual se venera um espinho da corôa. (²) Está guardado, segundo me informaram no pequeno sacrario por baixo do quadro da fundadora, na capella do cruzeiro.

*
* *

Pelo que toca aos retratos da Infanta, carecem todos de uma autenticidade demonstrada, visto que se pôde suppôr terem sido pintados cerca de meio seculo após a morte da Infanta.

Juntámos já a reproducção do que acompanha o estudo da snr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos. E' o que existe no Museu do Prado, de Madrid.

No catalogo respectivo, de D. Pedro Madrazo, edição de 1833--1850 diz ser—*retrato de la infanta doña Maria, hija de Don Manuel rey de Portugal*;—mas na edição de 1873 emendou-se esta nota, dizendo-se—*retrato de una dama joven desconocida. La tradicion la supone hija del rey D. Manuel de Portugal*.

Na capella do Collegio Militar existe outro, pintado em tela, muito retocado, ao qual me referi. Fr. Miguel Pacheco já o cita na sua Vida da Infanta.

Na igreja da Luz ha o formoso quadro pintado em madeira, na capella dita da fundadora.

Este quadro cuja reproducção não tem sido ainda possivel obter, representa S. Bento impondo a sua regra. E' a figura do centro, ao fundo do quadro. A um e outro lado estão freires, ecclesiasticos e o monarcha, á direita, monjas, damas e a princeza D. Maria, á esquerda

(¹) Vide citado livro de Filippe Simões—*A Exposição retrospectiva de arte ornamental*, etc. pag. 4. No catalogo vem descripto—pag. 78, da maneira seguinte:—«32. Frontal de seda branca com largas tiras de veludo carmezim bordadas a fio de oiro em alto relevo. Ao centro da tira superior e nas extremidades inferiores das tiras lateraes o brasão d'armas da infanta D. Maria, filha delrei D. Manuel. Seculo XVI.»

(²) Assim o diz o citado P.º Pereira nas *Memorias de Carnide*.

do patriarcha, todos de joelhos, e mãos extendidas em acção de jurar solemnemente a obrigação monastica. Todas as figuras são soberbamente desenhadas e coloridas, muito especialmente a da Infanta, que occupa o primeiro plano do quadro.

No Convento da Encarnação na sala das visitas existe o retrato pintado em taboas, de onde se reproduziu a estampa gravada na collecção dos *Varões e Donas*, estampa que alli se vê emmoldurada, pendente por baixo do quadro a oleo.

Finalmente no quadrinho tambem pintado em taboas, e existente no gabinete do Provedor da Casa Pia, vê-se um retrato minusculo, sem designação alguma, que segundo a opinião dos estudiosos que o teem detidamente examinado e descripto, como o sr. Joaquim de Vasconcellos, deve representar a nossa Infanta.

Este quadro de Belem mede 43^{cm} por 31^{cm} segundo a descripção dada pelo citado critico de arte. Representa Nossa Senhora das Mercês, tendo á direita Santo Agostinho e á esquerda S. Jeronymo.

Sob o manto aberto por dois anjos figuram as pessoas da familia real e varios religiosos.

Sobre os retratos ou figuras alli representadas ha umas lettras que são as seguintes:

No numero 1—IRIII (D. João III); no n.º 2—CHAR (Rainha D. Catharina); no n.º 3—IONAP (Princeza D. Joanna); no n.º 4—MA (D. Maria de Parma); no n.º 5—ISABEL (D. Isabel de Bragança, viuva do Infante D. Duarte); no n.º 6—CH (Infanta D. Catharina, pretendente ao throno); no n.º 7—IP (Principe D. João, esposo da princeza D. Joanna); no n.º 8—não tem lettra alguma visivel; deve ser a Infanta D. Maria; no n.º 9—ILV (Infante D. Luiz); no n.º 10—IVLIVS III (O papa Julio III); no n.º 11—não ha lettras; suppõe-se ser D. Duarte; no n.º 12—ICHR (O Infante Cardeal D. Henrique). (1)

Segundo observa a sr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos todos estes retratos nos pintam a Infanta com seus cabellos ruivos, ou *flavos*, como lhe chamou Rezende e entre os quadros de Lisboa, pelo menos, como tive occasião de observar, ha na verdade traços de

(1) Nota 3 ao Estudo do sr. Joaquim de Vasconcellos, no livro *A Infanta D. Maria e as damas da sua corte*. Este quadro é o n.º 178 da sala K no *Catalogo da Exposição de Arte Ornamental*, pag. 201. Mede 0^m,43 de largo por 0^m,30 de alto.

similhança, que poderia nascer de terem sido copiados um dos outros. Nos dois quadros da Luz a similhança é muito completa.

*
* *

Resta-nos ainda examinar a que se reduziram por vicissitudes do tempo as inumeras beneficencias que a caritativa Infanta determinava em seu testamento.

Já vimos o destino do hospital, que era a mais importante das instituições caridosas que a Infanta nos legou.

Compulsando os livros e documentos da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, encontrei no livro manuscripto do Provedor Conde de Val de Reis, entre as notas dos rendimentos e encargos deixados por diversos testadores á Santa Confraria, a noticia do que sobreviveu ao terremoto das determinações testamentarias da Infanta.

Eis a nota, como a reconstituiu após a perda de tantos titulos preciosos o dedicado Provedor:

A Sr.^a Infanta D. Maria, filha do mesmo Rey (D. Manuel).

Deixou a esta Casa—450\$000—de juro cada anno para se cazarem 9 orfãos, a razão de 50\$000 réis cada hua, as quais serão honradas, de boa Casta, e sem rassa nenhũ, pobres e desemparadas, e de qualquer terra do Reyno de Portugal. Não se lhes dará o dotte senão depois de recebidas, e hirão com seus maridos e tutores a Igr.^a de N. Sr.^a da Luz assistirem a missa do dia e sermão e ahi mesmo se lhe entregara o dotte por hũ Irmão da Misericordia.

—Deixou mais—36\$000—réis de juro para se vestirem 9 mulheres pobres em dia de N. Sr.^a da Encarnação, e outras 9 em dia da Natividade da mema Sr.^a, a rezaõ de dous mil réis a cada hũa. Estas mulheres serão nomeadas pello Provedor e Irmãos da Mesa e com seus escriptos hirão á Igr.^a de N. Sr.^a da Luz dar as graças á mema Snr.^a e receber a esmolla da mão do P.^o Prior e lá rogarão pella alma da Snr.^a Infante, e a dita esmolla se lhe dará em vestidos já feitos.

—Deixou mais—60\$000—réis de juro para doze vestidos de sacerdote, a razão de 5\$000 réis cada hũ que se lhe darão mesmo em vestidos, em quinta feira de Endoenças, os quaes dirão hũa missa nas outavas da Paschoa pellas Almas do Purgatorio.

—Deixou mais—50\$000—réis para se vestirem 33 pobres cada anno em 6.^a feira da Payxão a rezaõ de 1\$500 réis cada vestido, com a mesma obrigação do das mulheres. Estes juros declarou que deixava ao Prior do Convento

de N. Snr.^a da Luz para elle os cobrar e pagar aos clérigos pobres e mulheres que a Mesa da Misericórdia elegeisse.

—Deixou mais outro juro de 19\$800 réis—que a Misericórdia cobrará dos P.^{os} de Nossa Senhora da Luz para estabelecimento de hũa capella de missa quotidiana na Igr.^a da Misericórdia em altar privilegiado a razão de 1\$650 réis cada mez ao Capellão.

—De todos estes juros não cobra a Misericórdia mais do que—160\$597, que se lhe repartem na forma que adiante se declara. Os dotes são dados pela Meza e tudo o mais pello Escrivão della, sem as circumstancias apontadas pella dita Senhora.

—Hũ Padrão na Imposição dos Vinhos n.º 3.....	125\$345
Outro na mesma Imposição.....	35\$252
	<u>160\$597</u>

DESPESA

Para hũa missa cada semana pellas Almas, de esmolla de 120.	6\$240
Para tres vestidos de sacerdote de 5\$000 réis cada hũ, que se repartem em 5. ^a feira de Endoenças com obrigação de dizerem hũa missa pellas Almas no Outavario da Paschoa.....	15\$000
Para dotes de 50\$000 réis cada hũ que pello rateyo se dão só dous e o resto se ajunta a outro dotte de outro testador.....	114\$252
Para sinco vestidos ou mantos que manda repartir por sinco mulheres em dia de N. Snr. ^a da Natividade, ou no dia de N. Snr. ^a da Encarnação.....	10\$000
Para 9 vestidos pardos que se devem repartir em 5. ^a feira de Endoenças por 9 pobres que constão de hua vestia e calção de serapilheira que custa 1\$500 réis.....	13\$500
Ao cobrador do seu hũ por cento.....	1\$605
	<u>160\$597</u>

Assim era em 1755.

Hoje porém desses mesmos limitados encargos pios, em que se memorava o nome da Infanta D. Maria, quasi nada resta.

A missa semanal pelas almas foi logo em 1757 pelos decretos pombalinos englobada na capella n.º 8 da igreja da Santa Casa, e mais tarde sujeita talvez á commutação de missas que se impetrou da auctoridade ecclesiastica.

Os dotes perderam o character e designação da testadora que os instituiu e andam englobados na tabella geral de dotes concedidos pela Misericórdia, dentro dos limites que lhe fixou o Marquez de Pombal no seu decreto de 31 de janeiro de 1775. Desappareceu o legado

dos vestidos a pobres e só resta, como vestigio das disposições testamentarias da Infanta, vestigio em que ainda hoje apparece o nome desta caridosa princeza o encargo annual de tres missas ditas por clérigos pobres, no oitavario da Paschoa, em suffragio da alma da Instituidora, cabendo a cada uma a esmola de 5\$000 réis, que se paga pela conta das esmolos de diversas testamentarias distribuidas pela Semana Santa de cada anno.

Desta maneira cahiu e se desfez quasi por completa a grande obra de beneficencia e de caridade que a bôa e piedosa Infanta com tanto carinho gizára na expressa disposição das suas derradeiras vontades! E' assim a vida humana! Planos, projectos, ideaes concebidos, devaneios do coração e do espirito, tudo se subverte nas inconstancias caprichosas do futuro!

Louco o que julga poder fixar nas normas da sua vontade as instituições e os acontecimentos do porvir!

A bôa da Infanta, tão malfadada em toda a sua existencia, prisioneira da sua quantiosa fortuna, phantasiou perpetuar, após a sua morte, uma longa e interminavel serie de actos de caridade, taes como lh'os pedia o seu coração dulcissimo e infeliz. Não contava porém com a maldade, com a sordida ambição dos homens, com a sua insaciavel voracidade, nem com o desrespeito tão vulgar como condemnavel pela expressa determinação dos que morreram.

Rapaces testamenteiros e infieis administradores defraudaram a avultada herança; é bem de suppôr que pessimas administrações motivaram a decadencia e fim do Hospital da Luz; incuria e criminosos desleixos, as mais das vezes filhos da ignorancia e da incompetencia, deixaram cair no olvido aquelles encargos que inda recordavam aos posteros o nome venerando da generosa e caritativa Infanta.

¿ Por isso, quem entre os menos lidos conhece hoje este nome tão cheio de gratissimas memorias da Infanta D. Maria?

Foi este injustissimo e ingrato esquecimento da posteridade que me demoveu a consagrar bôa parte das poucas horas de descanso á elaboração desta modestissima noticia. Oxalá que, embora condemnada á limitadissima leitura de pessoas cultas e estudiosas, ella possa despertar em vulgarizações e trabalhos de mais ampla e popular publicidade, a idéa de se prestar a justa e merecida homenagem áquelle vulto tão notavel dos annaes da caridade portugueza.

Bom seria que o nome da Infanta ficasse registado de uma maneira formal e imperecedoura no livro de ouro onde se lêem os das rainhas Santa Isabel e D. Leonor, os de fr. Miguel Contreiras, de S. João de Deus, de D. fr. Caetano Brandão, de D. Francisco Gomes de Avellar, do Conde de Ferreira e de José Silvestre Ribeiro, para não encher paginas e paginas com a lista, felizmente bastante extensa, dos nomes de boas e caritativas almas.

A Infanta D. Maria, princeza egregia por suas virtudes, enaltecida já pela sua não vulgar illustração, pelo amor que dedicava á cultura intellectual da sociedade portugueza do seculo XVI, e pelo impulso que deu á educação das suas damas letradas e eruditas, pelo incentivo com que patrocinava poetas e artistas, bem merece ser incluída, com muito especial menção, na galeria dos benemeritos bemfeitores da humanidade, pelas instituições e deixas que determinou no seu, por varios respeitos, notabilissimo testamento.

Tal é a intenção essencial que me moveu; se conseguir chamar a attenção dos que se interessam por estes assumptos, e poucos serão bem o sei, para a obra abençoada da Infanta, julgar-me-hei feliz, e será essa satisfação intima e sincera mais do que bastante para me considerar remunerado pelas canceiras e aporfiadas diligencias que empreguei, com o fim de tornar esta noticia tão completa, minuciosa e perfeita, quando me foi possível, em face dos minguidos recursos documentaes e tradicionaes que sobre o assumpto longa e pacientemente fui accumulando.

Hoje que o *feminismo* levantou o seu pendão, justo será que todos quantos pugnam pela elevação do nivel intellectual e moral da mulher, e da sua missão social e humana, cuidadosamente inscrevam na lista dos modelos feminis, cheios de graciosos encantos e de seducções pelo seu valor, bondade e intelligencia culta, o nome, refulgente por todas essas qualidades, da nossa tão portugueza Infanta D. Maria.

NOTAS FINAES

I—O quadro da Infanta.

Ao meu excellente amigo Jayme de Sousa.

Tristissimo epilogo deviam ter as aturadas diligencias que empreguei para completar este ligeiro estudo com uma documentação valiosa, a repro-

ducção photographica dos quadros em que figura a Infanta D. Maria. Pelo que respeita ao quadro existente na capella do Collegio militar, e ultimamente segundo me informam restaurado e retocado por curiosos artistas, não foi ainda possível obter uma razoavel prova photographica, pelas más condições de luz e de collocação. Sollicitado por mim, o distincto photographo amator sr. Corrêa Santos, professor do Collegio Militar, tentou mais uma vez photographal-o, mas sem resultado efficaz.

Quanto ao quadro da capella da Fundadora na igreja da Luz, além do mallogro dos meus bons desejos, profundo desgosto me acarretou a diligencia. Por mais de uma vez allí fui com o meu excellente amigo e collega Jayme Luiz Fernandes de Sousa, photographo amator, que desejoso de me auxiliar neste empenho artistico, amavelmente accedeu ao meu pedido. Não tendo tirado resultado satisfatorio nas primeiras tentativas, voltamos allí em 24 de novembro de 1906, procurando a hora em que o templo devia estar mais illuminado pelo sol.

Não podia ser mais innócuo o proposito, nem mais louvavel e honrosa a applicação do tempo e do trabalho, bem mais proveitoso por certo do que as ineptias burocraticas, tanta vez feitas de conta alheia, com inexprimivel reluctancia de consciencias revoltadas e insubmissas.

De nada valeu a pureza e zelo das intenções. Emquanto em amigavel conversa aguardavamos a fixação da imagem por uma *pose* prolongada, o meu companheiro encostando-se pesadamente sobre a regoa de madeira que fechava o côro provisorio dos musicos, sobre o qual nos achavamos, fez com que ella se despregasse sob o seu peso, e elle baqueou desamparadamente no espaço, cahindo de uma altura de cerca de 3 metros sobre o lagedo do pavimento da igreja, onde por minutos jazeu, perdidos os sentidos. Mais uma victima do costumado desleixo das estações officiaes. De ha muito que se requisitára para aquella igreja um côro convenientemente construido, para substituir o vergonhoso estrado provisorio que ha tantos annos allí permanece. Chegou a fazer-se o respectivo projecto, mas nas estações superiores do Ministerio das Obras Publicas denegou-se a approvação precisa, e a obra ficou protelada.

Deste lastimoso desastre, cuja reconstituição mental é ainda um martyrio para o meu espirito, limitar-me-hei a reproduzir aqui o que escrevia no dia immediato o *Diario de Noticias*, e que, áparte leves inexactidões, relata muito approximadamente o succedido:

Um desastre na igreja da Luz

«Hontem de tarde deu-se na igreja da Luz um desastre, a todos os respeitos lamentavel, que deixou duas familias consternadas.

O triste acontecimento passou-se da maneira que vamos narrar:

O sr. Victor Ribeiro, amanuense da Santa Casa da Misericórdia, morador na esfrada das Laranjeiras, 6, está tratando de escrever um livro sobre monumentos nacionaes, entre os quaes figura a igreja da Luz (*sic*).

Como o sr. Ribeiro deseje illustrar o seu trabalho com algumas gravu-

ras, pediu ao seu collega, tambem amanuense da Santa Casa, sr. Jayme Lu Fernandes de Sousa, morador na travessa da Conceição, á Lapa, 19, rez-do-chão, photographo amator, para lhe ir tirar algumas photographias da igreja referida, especialmente do tumulo da fundadora d'aquelle templo, a infanta D. Maria.

Combinadas as cousas, hontem, cerca das tres horas da tarde, tendo os srs. Victor Ribeiro e Jayme de Sousa saído da Santa Casa, depois de terminado o seu trabalho, dirigiram-se para a Luz e entraram na igreja com o fim indicado.

O desastre

«Tendo subido ao côro, o sr. Jayme de Sousa metteu a machina em foco para photographar o mausoleu (*aliás o quadro*) da fundadora da igreja, mas, como então havia já muito pouca luz, deixou a objectiva aberta por algum tempo para demorar a «pose», e, enquanto esperava que a chapa se impressionasse devidamente, encostou-se á balaustrada do côro (*sic*), uma fraca grade de madeira, que cedendo ao peso desabou, fazendo com que o sr. Jayme de Sousa caísse desastrada e desamparadamente no lagedo da igreja, onde bateu de costas, isto é, com a nuca.

De uma queda de cerca de tres metros de altura, dada nas condições já descriptas, resultou o sr. Jayme de Sousa perder os sentidos e ficar como morto.

Os soccorros

O sr. Victor Ribeiro que, como é natural, ficou consternadissimo com o succedido, correu para o largo da Luz a pedir soccorro.

Por fortuna appareceu logo um trem em que o sr. Jayme de Sousa foi mettido e conduzido á esquadra de Bemfica (*sic*), de onde seguiu para o hospital de S. José, acompanhado de um policia da mesma esquadra. (1)

No hospital, depois dos primeiros soccorros prestados pelo medico de serviço e respectivo enfermeiro, foi o sr. Jayme de Sousa alojado no quarto particular n.º 4, onde ficou em estado grave.

Detenção do sr. Victor Ribeiro

Entretanto era o sr. Victor Ribeiro detido para averiguações, allegando a policia que não tendo o caso sido observado por qualquer pessoa não havia a certeza de as cousas se terem passado conforme a narração do sr. Victor Ribeiro.

Este senhor, verdadeiramente desesperado não só com o desastre succedido ao seu collega e amigo intimo, como tambem pela sua detenção em tão extraordinarias circumstancias, pediu que ao menos o deixassem ir participar o triste acontecimento á familia do sr. Jayme de Sousa, o que lhe foi concedido, indo o sr. Ribeiro, em um trem, acompanhado de um policia.

O sr. Ribeiro dirigiu-se em primeiro logar á casa onde o sr. Jayme de Sousa vive com sua esposa e uma filhinha, na travessa da Conceição, á Lapa,

(1) O doente foi acompanhado por mim, directamente para o Hospital.

e depois a casa do pae e familia do sr. Sousa, na rua da Santissima Trindade, n.º 7. (1)

Cumprido aquelle doloroso dever, regressou o sr. Ribeiro ao governo civil, sendo ali affiançado pelo chefe sr. Albino Sarmiento, depois do que saiu em liberdade.

Entretantó, a esposa do sr. Victor Ribeiro, sabedora do acontecido correu ao hospital de S. José a informar-se do estado do sr. Sousa, encontrando-se ali com a esposa d'aquelle senhor, de quem é amiga:

Infelizmente o estado do sr. Jayme de Sousa era tal que não foi permitido á familia falar-lhe.

Em casa da familia do sr. Jayme de Sousa onde estivemos, era grande a dôr pelo desastre succedido, mas tambem pelo dissabor porque passou o sr. Victor Ribeiro. Disseram-nos ali que era tão intima a amizade existente entre os srs. Victor Ribeiro e Jayme de Sousa que é absolutamente absurdo attribuir o acontecimento a outra coisa que não seja um desastre tão lamentavel como casual.

O sr. Victor Ribeiro deve hoje apresentar-se no juizo de instrucção criminal e certamente será mandado em paz.

Por ordem superior esteve na Luz a proceder a investigações sobre o facto o agente Ferreira da policia judiciaria.» (2)

Dezoito dias esteve o doente no hospital, de onde saiu por fim felizmente num relativo estado de satisfactorias melhoras, como o *Diario de Noticias* (bem como outros jornaes) referiu na seguinte noticia:

JAYME LUIZ FERNANDES DE SOUSA

«Recolheu hontem a sua casa, com alta do hospital de S. José, onde estivera em tratamento no quarto n.º 1, o sr. Jayme de Sousa, estimadissimo empregado da contadoria da Santa Casa da Misericordia, filho do sr. Eduardo Frederico da Fonseca e Sousa, antigo e honradissimo chefe de repartição da mesma contadoria.

«O sr. Jayme de Sousa foi victima, como noticiámos, de uma desastrosa queda no dia 24 de novembro ultimo, na egreja da Luz, onde em missão de estudo fôra com o seu collega e amigo sr. Victor Ribeiro, no intuito de tirar uma prova photographica do precioso quadro em taboa que ali se admira e em que figura o retrato da infanta D. Maria, fundadora do antigo hospital da Luz, ácerca do qual o sr. Victor Ribeiro está publicando no «Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos» uma noticia historica e documental.

«O enfermo, no Banco do hospital de S. José, onde o conduziu o sr. Vic-

(1) Inexacto. Fui apenas a casa dos pais do sr. Jayme de Sousa, os quaes na sua natural afflicção correram logo a casa do meu infortunado collega e amigo.

(2) *Diario de Noticias* de 25 de novembro de 1906.

tor Ribeiro, foi visto pelo medico de serviço sr. dr. Medeiros e pelo enfermeiro-mór sr. conselheiro Curry Cabral, que ia saindo na occasião em que ali dava entrada o enfermo.

«Foi depois tratado pelos clinicos dos quartos particulares srs. drs. Oliveira Feijão e Francisco Branco Gentil, que prodigalizaram ao doente todos os cuidados assiduos da sua observação clinica. Visitou-o tambem por mais duma vez, com a sua extrema amabilidade, o sr. dr. Curry Cabral, a quem penalizou em extremo a infelicidade daquelle desastroso acontecimento.

«Quasi todos os empregados da Santa Casa, da contadoria, da thesouraria e de todas as repartições e dependencias se tem interessado vivamente pelo enfermo, testemunhando assim não só a muita amisade e estima que lhe consagram, como tambem a muita consideração que lhes merece o pae do doente, sr. Eduardo de Sousa, pelas suas qualidades de character probo e leal e pelos relevantes serviços de que a Misericordia lhe é devedora, muito especialmente na organização e direcção da sopa de caridade, abençoada instituição de que elle foi sempre o mais dedicado apostolo.

«Além da familia e dos collegas, grande numero de amigos e pessoas das suas relações acudiam todas as tardes e noites ao hospital, formando commovedora romaria ao grande corredor dos quartos particulares, onde pessoas de familia, a esposa e irmãs do enfermo permaneciam todo o tempo que o regulamento hospitalar lhes permittia.

«O sr. Jayme de Sousa recolhe a casa em estado muito satisfatorio, considerando-se livre de perigo, exigindo, porém, demorada convalescença, muito repouso e socego de espirito, motivo porque não recebe ainda senão as pessoas de familia mais proxima.

«Desejando sinceramente o restabelecimento completo do enfermo, endereçamos simultaneamente os parabens ao sr. Victor Ribeiro, que está livre emfim do pasadelo e angustia que o acabrunharam por alguns dias, enquanto a doença do seu querido amigo e companheiro de trabalho lhe inspirava sérios cuidados.» (1)

Progrediram depois as melhoras, podendo hoje decorridos mais de tres mezes, assegurar-se o completo restabelecimento do meu estimado amigo e collega.

Tristes coincidencias tenho a registar com respeito á reproducção artistica deste quadro. Uma copia a lapis, pelo meu excellento amigo e mestre sr. Visconde de Castilho, em tempo executada, extraviou-se irremissivelmente e só nos resta aquella recordação do quadro, desenhada com os toques deliciosamente suggestivos da sua prosa, num esboço fugitivo da *Lisboa Antiga*; — «a nossa Infanta D. Maria, aquelle sympathico rosto loiro arruivado, com beiços grossos, e olhos azues tão intelligentes, emmoldurado na sua altiva gorjeira de cassa.» (2)

(1) *Diário de Noticias* de 13 de Dezembro de 1906.

(2) *Lisboa antiga, Bairros orientaes* tomo VII, pag. 339.

O sr. dr. Antonio de Azevedo, clinico distincto e tambem cultor e amador de archeologia e photographia, contou-me que indo áquella igreja em um dia de inverno, com o intuito tambem mallogrado de tirar provas photographicas do templo e dos quadros, a frialdade excessiva da igreja lhe causara, segundo suppõe, uma nevoa num olho, de que só tardiamente conseguira curar-se.

Agora, este mais grave accidente veiu não só alancear profundamente o meu espirito, lançar a inquietação numa familia inteira de boas almas e de carinhosos amigos, como tambem marcar mais um caso no registo do martyrologio das artes e das sciencias, pelo mallogrado desfecho desta diligencia tão espontanea e dedicada, de documentar uma noticia historica com a reproducção autentica de uma primorosa obra de arte, até hoje não reproduzida por qualquer dos processos artisticos conhecidos.

Aqui deixo pois, como que em fraternal amplexo, consignado o profundo sentimento que me abalou, desgosto que ficará inolvidavelmente gravado no meu coração e no meu espirito, e de que, para perpetuar a memoria, deixei nestas paginas o minucioso relato.

II—A feira da Luz.

E' bom registar nesta nota final, que a memoria da bondosa Infanta ficou de alguma maneira vinculada através dos seculos, na tradição do povo, á festa tão querida da Senhora da Luz, festa que se propagon por todo o paiz, ligando-se indissolvelmente o sentimento religioso e crente a costumes e usanças sociaes, como a da terminação das séstas dos operarios e trabalhadores, as quaes começam no dia de Nossa Senhora dos Prazeres para acabarem no dia 8 de Setembro, pela festa da Senhora da Luz. Por isso, desde remotos tempos a população trabalhadora da capital acode em grande numero á romaria e á feira da Luz, para celebrar festivamente o derradeiro dia em que lhe é dado gosar aquellas horas de repouso, de descanso reparador da quadra extenuadora dos longos e ardentes dias estivaes.

A feira, que costuma durar 8 dias, estende-se pelo vasto campo; erguem-se em redor as barracas, armam-se as mesas e sobre os carros a fila das pipas de onde jorra o vinho, para cangirões que giram de bocca em bocca. Ao meio a feira de gado—os bois de colleiras enfeitadas com campainhas e chochalhos, as vaccas, os bezerros, as varas de porcos e as manadas de gado muar e cavallar, etc.

A concorrencia é enorme. Antigamente era uma das festas populares de maior nomeada da capital; e alli se abastecia a população de curiosos artigos de cestaria, das vistosas louças de Mafra, de varas, de mantas, e de muitos outros objectos de que usualmente se faziam transações nas feiras e mercados dos arrabaldes da cidade.

Laranjeiras, 2 de março de 1907.

VICTOR RIBEIRO.

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

CATALOGO DAS MOEDAS E MEDALHAS

DO

MUSEU DO CARMO

Pelo socio effectivo

Arthur Lamas

(Continuação do n.º anteced.)

I.ª Série

MEDALHAS PORTUGUESAS

N.º 23 — *Medalha commemorativa da inauguração do monumento a Luiz de Camões.* AE. m. b. c. Cabeça laureada do poeta, com barba e bigode á esquerda; por baixo, a assignatura do gravador, F. A. C. (Frederico Augusto de Campos). Leg.: A LUIZ DE CAMÕES — A PATRIA RECONHECIDA. Rev. Dentro de uma corôa formada por dois espessos ramos de carvalho e louro, atados em baixo com um laço, em seis linhas a legenda: IX — OUTUBRO — MDCCCLXVII — MONUM. INAUG. — EM — LISBOA. Diam. 56 Mm. L. N.º 306.

N.º 24 — *Medalha commemorativa da inauguração do monumento a D. Pedro IV, no Rocío, em Lisboa.* AE. m. b. c. Busto laureado, á direita, de D. Pedro IV, que traja grande uniforme; no peito ostenta a insignia da Torre e Espada, com cõllar; sobre o hombro tem dragona larga, com cordões e borlas. Por baixo a assignatura do gravador: MOLARINHO. Leg.: D - PEDRO IV — REI DE PORTUGAL. Rev. Dentro de uma espessa corôa fechada, formada com ramos de carvalho, unidos com fitas que se cruzam em cima, em baixo e aos lados, em quatro linhas, a legenda, que está envolvida por dois ornatos simples: 29 — DE — ABRIL — 1870. Na orla, a legenda: MONUMENTO LEVANTADO A MEMORIA DE D. PEDRO IV. No exergo, em curva, continua a legenda: INAUGURADO EM LISBOA. Diam. 50. Mm. L. N.º 228.

N.º 25 — *Medalha commemorativa da erecção do monumento do Bus-*

saco, dedicada ao Exercito Luso-Britannico. AR. m. b. c. Rarissima neste metal, pois que, segundo nos communicou o proprio auctor, o Sr. Casimiro José de Lima, apenas se cunharam, cerca de vinte exemplares. De cobre cunharam-se cerca de 200 e de estanho outras tantas. Bandeiras, portuguesa e inglesa, cruzando-se, com os pannos artisticamente dispostos; por cima, dentro de uma corôa de louro, as datas das campanhas: 1808—A—1814. Leg.; Em cima: AO EXERCITO LUSO-BRITANNICO; e em baixo: CAMPANHAS DA GUERRA PENINSULAR. Rev. Vista do monumento que foi erigido no Bussaco, para commemorar as victorias alcançadas pelo exercito Luso-Britannico: obelisco com uma estrella no alto. Em volta da base, peças meio enterradas, unidas por uma corrente de ferro que resguarda o recinto. No exergo, em duas linhas: ERIGIDO NO BUSSACO—1873. Diam. 59. Mm. L. N.º 257.

N.º 26 — *Outro exemplar de cobre.* m. b. c.

N.º 27 — *Medalha mandada cunhar pelo Gabinete Português de leitura no Rio de Janeiro, para commemorar o tricentenario de Luis de Camões, e o assentamento da pedra fundamental do novo edificio.* AE. m. b. c. Anv. Busto quasi de frente de Luiz de Camões, com vestuario da epocha, envolvido por uma corôa de louro que lhe assenta sobre o peito e hombros. Leg., no alto: TERCEIRO CENTENARIO DE CAMÕES e em baixo, 10 DE JUNHO DE 1880. Á direita, por fóra da corôa, junto do hombro, a assignatura do gravador, JANVIER. Rev. Busto, á esquerda, de Minerva que tem por baixo a assignatura do gravador, JANVIER e em volta, começando em cima, a legenda, GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO. Na orla, começando em baixo, outra legenda: ASSENTAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO EDIFICIO. No exergo, um pequeno florão. Diam. 61 Mm. L. N.º 317.

N.º 28 — *Medalha dedicada pelo sr. Casimiro José de Lima ao eminente medico José Thomaz de Sousa Martins.* BR. (dourada) m. b. c. Rara. Busto á direita de Sousa Martins, com bastante relevo, bem trabalhado e com grande parecença; por baixo, á esquerda, um pequeno L. (Lima, Casimiro José). Na orla a legenda, IOSEPH THOMAS

DE SOVSA MARTINS; nõ exergo, a data, MDCCCXCIV. Rev. No campo, em quatro linhas, a legenda: OPTIMO VIRO—DOCTRINA ARTE MEDICA ELOQUENTIA—VIRTUTE FIDE PRAESTANTISSIMO—DEDICATVM. Na orla, outra legenda que começa em baixo: ADMIRATIONE ADFICIVNTVR II QUI ANTEIRE CETEROS VIRTUTE PVTANTVR. No exergo um pequeno florão. Diam. 63,5 Mm. Acerca d'esta medalha existe uma esplendida monographia, feita pelo illustrado director da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o Sr. Dr. Xavier da Cunha, intitulada: «A medalha de Casimiro José de Lima em homenagem a Sousa Martins. Descrição Numismatica por Xavier da Cunha—Coimbra, Imprensa da Universidade—1903. (1) É trabalho completo sobre a medalha. O exemplar que descrevemos, não tem no bordo inscriptos, nem nome nem numero.

N.º 29—«Medalha commemorativa do 4.º Centenario da Descoberta do «Brazil, offerecida e dedicada ao Povo Luso-Brazileiro.

«PEDRO ALVARES CABRAL—DESCOBRIDOR DO BRAZIL. Busto «do illustre Capitão-Mór da Expedição, coberto de armadura e ca- «pacete.—Por baixo, em letras minusculas, o nome do gravador «Suisso HANS FREI, BALE.

«PORTO SEGURO DA ILHA DA VERACRUZ 3 DE MAYO (inter- «pretação da idea que os descobridores formarão da terra que ti- «nhão achado, denominando-a Ilha da Vera-Cruz em commemora- «ção á festa que a igreja ia celebrar). No campo quatro brazões: «as armas de Portugal (forma das do reinado do venturoso D. «Manuel), das quaes nascerão as armas do Reino Unido de Por- «tugal e do Brazil e Algarves em 1816, as do Imperio indepen- «dente do Brazil em 1822, e as da Republica dos Estados Unidos «do Brazil em 1889.—Por baixo as duas datas 1500-1900 e em «cima a dedicatoria AO POVO LUSO-BRAZILEIRO sobre uma fita, em «cujas extremidades se vê em letras cursivas incusas:

○ e D. (2)

. Jul. Mili. »

(1) Separata do *Boletim das Bibliothecas e Archivos*, Abril a Junho de 1903—n.º 2 do 2.º anno, pag. 112.

(2) Transcrevemos esta descripção de um impresso que acompanha a medalha.

Esta medalha é rara. Foi distribuída e mandada cunhar pelo nosso illustre consocio e distincto numismata, o Sr. Julius Meili, da Suíça. Vem estampada no Biographical Dictionary of medallists, de Forrer, onde é apresentada como uma das boas obras do gravador Hans Frei. Tem de diametro 57,5 Mm. e é de AE prateado. (1)

- N.º 30—*Medalha dedicada ao nosso illustre Presidente, o Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, pelos empregados da Casa da Moeda.* AE. flôr do cunho. Rara. Busto, á esquerda, com grande semelhança; por baixo a assignatura do gravador: V. ALVES. Leg.: AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA. Rev. No campo, em sete linhas, a leg.: AO SEU —PRECLARO DIRECTOR—HOMENAGEM—DOS—EMPREGADOS—DA —CASA DA MOEDA. Á esquerda um ramo de flores, junto do qual está a assignatura do gravador, V. ALVES. No exergo a data, 1904. Diam. 50. Mm. Foi publicada na Illustração Portuguesa, n.º 22, de 4 de Abril de 1904, pag. 352. Esta medalha dá honra ao artista que a assigna.

2.ª Serie

MEDALHAS BRASILEIRAS

- N.º 1—*Medalha dedicada á memoria de José Bonifacio de Andrada e Silva.* AE. m. b. c. Busto á esquerda de José Bonifacio, que ostenta uma condecoração; por baixo a assignatura do gravador, Z. FERREZ. Na orla, no semi circulo superior, a leg. JOZE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. Rev. No campo, em cinco linhas, dentro de uma corôa formada por dois ramos de plantas da flôra brasileira (?), a leg. INDEPENDENCIA —DO— BRAZIL —7 DE SEPTEMBRO —DE 1822. Na orla, outra legenda, que começa em baixo, NASCEO EM SANTOS A 13 DE JUNHO 1763 FALLECEO NO RIO DE JANEIRO A 6 DE ABRIL 1838. Entre as extremidades dos ramos da corôa ha uma estrella. Meili n.º 4. Diam. 46 Mm.

- N.º 2—*Medalha commemorativa do lançamento da pedra fundamental do novo edificio da Misericordia.* AE. m. b. c. Busto, á esquerda,

(1) Vjd. tambem o *Archeologo português*. Vol. v pag. 120 e vol. vi, pag. 209; o jornal *O Occidente* n.º 768 de 30 de Abril de 1900. N.º commemorativo do centenario do descobrimento do Brasil; e a revista ingleza: *Monthly Numismatic Circular*, anno de 1900, n.º 88, p. 3850.

do Imperador, que está fardado e ostenta algumas condecorações; por baixo a assignatura do gravador, AZEVEDO G. Leg.: D. PEDRO II IMP. CONST—E DEF. PERP. DO BRAS. Rev. Fachada do edificio e no exergo, em quatro linhas, a leg.: LANÇOU A PEDRA FUNDAMENTAL—DO NOVO HOSPITAL DA SANTA—CASA DA MISERICORDIA—18 $\frac{2}{7}$ 40. Meili, n.º 94. Diam. 51. Mm.

N.º 3—*Medalha relativa á Instrucção Publica.* AE. soff. cons. Furada na parte superior para ser suspensa. Busto, á esquerda, do Imperador, fardado. Leg.: DON PEDRO 2.º IMPERADOR DO BRAZIL. No exergo, 1841. Rev. No campo, dentro de uma corôa formada por dois ramos de plantas indigenas, as armas do imperio do Brasil. Meili n.º 219. Diam. 33,5. Mm.

N.º 4—*Medalha commemorativa da fundação do asylo para as orphãs dos honrados servidores do Estado.* AE. m. b. c. Anv. Este lado é egual ao da medalha descripta sob o n.º 2. Rev. Fachada do edificio; por cima, no arco superior da orla, a leg.: O ANJO CUSTODIO, e no exergo, em sete linhas: AS ORPHÃAS DOS HONRADOS—SERVIDORES DO ESTADO.—DECRETADO A 18 DE JULHO—E—COMEÇADO A 7 DE SET.—DE—1842. Meili, n.º 96. Diam. 51. Mm.

N.º 5—*Medalha commemorativa do lançamento da primeira pedra da Matriz de N. S.ª da Gloria.* AE. m. b. c. Dentro de uma corôa de louro o busto fardado, á esquerda, do Imperador. Por baixo a assignatura do gravador: AZEVEDO. G., e por cima, collocada entre as extremidades dos ramos que formam a corôa, uma pequena corôa imperial. Leg. D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. No exergo, uma pequena estrella. Rev. No campo, ao centro de uma corôa radiada e com pequenas estrellas, a leg. em cinco linhas: LANÇOU A PEDRA—FUNDAMENTAL DA—MATRIZ—DE N. S. DA GLORIA—18 $\frac{17}{7}$ 42. Meili, n.º 95. Diam. 47. Mm.

N.º 6—*Medalha commemorativa da campanha do Rio da Prata.* AE. m. b. c. Cabeça, á esquerda, do Imperador, com o cabello apartado e barba espessa; por baixo a assignatura do gravador, MONTEIRO. G. Leg., da esquerda, D. PEDRO SEGUNDO, e da direita, IMPER. DO BRAZIL. Rev. No campo, dentro de uma corôa de louro, em tres

linhas, 17—1851—12. Na orla, por fóra da corôa, a leg., que começa em baixo: CAMPANHA NAVAL DO RIO DA PRATA E C. DO TONELERO. No exergo, um pequeno florão. Diam. 60 Mm. Meili n.º 107.

N.º 7—*Medalha dedicada ao Senador Paulino José Soares de Sousa*. AE. soff. cons. Cabeça, á esquerda, do Senador e por baixo a assignatura do gravador, AUMOITTE.—F. Em volta a leg.: AO Ex.^{mo} SR. SENADOR PAULINO JOSE SOARES DE SOUSA O MINISTRO QUE REFERENDOU A LEI DE 22 DE AGOSTO DE 1851. O CORPO DIPLOMATICO BRASILEIRO RECONHECIDO. Rev. Em oito linhas a leg.: LEI—DA ORGANISAÇÃO—DO (esta palavra está raspada).—CORPO DIPLOMATICO—DE—XXII DE AGOSTO—DE—M.D.CCC.LI. Diam. 59,5 Mm. Meili, n.º 154.

N.º 8—*Medalha commemorativa das campanhas do Uruguay e de Buenos Ayres*. AE. m. b. c. Cabeça, á esquerda, do Imperador, com o cabelo apartado e barba espessa. Por baixo, a assignatura do gravador, MONTEIRO—G. Leg.: D. PEDRO SEGUNDO—IMPER. DO BRAZIL. Rev. No campo, em cinco linhas, dentro de uma corôa de louro, a leg.: TRES—DE—FEVEREIRO—DE—1852. Na orla, outra leg.: CAMPANHA DO URUGUAY E DE BUENOS AYRES. Por baixo da corôa tem escripto, C. DA M. (Casa da Moeda?). Diam. 60 Mm. Meili n.º 108.

N.º 9—*Medalha commemorativa da campanha do Uruguay*. AE. m. b. c. Anv. Igual ao da medalha antecedente. Rev. No campo, a data, 1852, que está no meio de uma corôa feita de cannas, atadas com fitas em cruz, que formam em baixo um laço. Por baixo da corôa as lettras C. DA M. e na orla a leg.: CAMPANHA DO URUGUAY. Diam. 60 Mm. Meili n.º 109.

N.º 10—*Medalha commemorativa da fundação da Pinacotheca Imperial*. AE. m. b. c. Anv. Igual ao das duas antecedentes. Rev. Em sete linhas a leg.: 1854—NO DIA 2 DE DEZEMBRO—LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ—MINISTRO DO IMPERIO—LANÇOU A PEDRA FUNDAMENTAL—DA PINACOTHECA—IMPERIAL. Diam. 60 Mm. Meili, n.º 99. Variante. ⁽¹⁾

(1) Em Meili vem a estampa do anv. desta medalha, assignada por outro gravador e com legenda diversa.

- N.º 11—*Medalha commemorativa da visita imperial á Casa da Moeda.* AE. m. b. c. Busto, á esquerda, do Imperador, que traça grande uniforme e ostenta grande numero de condecorações; por baixo a assignatura do gravador, FARIA. leg.: D PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL. No exergo um pequeno dragão. Rev. No campo uma machina de cunhar moeda, e na orla a leg.: Á AUGUSTA VISITA IMPERIAL A CAZA DA MOEDA. No exergo, em quatro linhas outra legenda: TRABALHANDO PELA PRIMEIRA VEZ—A NOVA MAQUINA DE CUNHAR—A 3 DE DEZEMBRO DE—1855. Diam. 58 Mm. Meili n.º 27.
- N.º 12—*Medalha referente ao mesmo assumpto?* AE. m. b. c. Cabeça, á esquerda, do Imperador, que tem o cabello apartado e barba espessa. D. PEDRO II IMPERADOR DO BRAZIL. No exergo, um ornato. Rev. Machina de cunhar e no exergo: RIO DE JANEIRO. Inedita em Meili. Diam. 23 Mm.
- N.º 13—*Medalha dedicada ao Cavalleiro S. Thalberg.* AE. m. b. c. Busto, á esquerda, do Cavalleiro, que traça sobrecasaca; por baixo a assignatura do gravador, FARIA. Leg.: ESTE CELEBRE ARTISTA DEO O SEO PRIMEIRO CONCERTO NO RIO DE JANEIRO A 25 DE JULHO. No exergo, a data, 1855. Rev. AO—CAVALLEIRO S. THALBERG.—O. D. C.—OS PROFESSORES DE MUZICA—DO—RIO DE JANEIRO—A. D. MDCCCLV. Diam. 60 Mm. Meili, n.º 185.
- N.º 14—*Outra medalha referente ao mesmo assumpto.* AE. m. b. c. Cabeça do artista voltada á esquerda e por baixo a assignatura do gravador, LÜSTER—F. Leg.: O CAVALLEIRO S. THALBERG. No exergo um pequeno enfeite. Rev. Em nove linhas a leg.: AO—ARTISTA—PELO—CONCERTO DADO EM BENEFICIO—DO—HOSPICIO DE SANTA THEREZA—EM 26 DE SEPTEMBRO—1855—RIO DE JANEIRO. Diam. 60 Mm. Meili, n.º 186.
- N.º 15—*Medalha commemorativa da fundação da Sociedade de estatística.* AE. m. b. c. No campo a esphera armillar sobre a cruz de Christo. No zodiaco tem escripto: BRAZIL e na orla, a leg.: TERRITORIO. STATISTICA. COLONISAÇÃO. ADMINISTRAÇÃO. FORÇA ARMADA. Nos intervallos das extremidades da cruz, escriptas em

duas linhas curvas em cada espaço, mais estas palavras: JUSTIÇA — INSTRUÇÃO POPULAÇÃO — AGRICULTURA RENDAS — INDÚSTRIA NAVEGAÇÃO — COMMERCIO. No exergo, um pequeno florão. Rev. Em nove linhas a leg.: REINANDO — D. PEDRO II. — IMPERADOR DO BRAZIL — FOI FUNDADA A — SOCIEDADE STATISTICA — NA CIDADE DO — RIO DE JANEIRO — EM 22 DE MARÇO — 1855. Diam. 61 Mm. Meili, n.º 155.

N.º 16 — *Medalha commemorativa da inauguração da estrada de Ferro de D. Pedro II.* AE. m. b. c. Cabeça do Imperador voltada á esquerda, com o cabello apartado e barba espessa; por baixo a assignatura do gravador, CHR. LÜSTER. F. Leg.: DOM PEDRO SEGUNDO — IMPERADOR DO BRAZIL. Rev. No campo, uma machina de caminho de ferro, voltada á esquerda; por cima em arco, a leg.: INAUGURADA EM 29 DE MARÇO DE 1858. e por baixo em tres linhas: GRAVADA E CUNHADA PELA — CAZA DA MOEDA — 1858. Na orla outra legenda: ESTRADA DE FERRO DE D. PEDRO II. Em baixo uma estrella de cinco pontas. Diam. 60 Mm. Meili, n.º 101, variante. (¹)

N.º 17 — *Medalha dedicada á Imperatriz do Brasil pela mesa da administração do recolhimento de S.^{ta} Thereza.* AE. m. b. c. Cabeça, á direita, da Imperatriz, com penteado simples e com diadema; por baixo a assignatura do gravador, CHR. LÜSTER. F. Leg.: D. THEREZA CHRISTINA — IMPERATRIZ DO BRAZIL. Rev. Em sete linhas a leg.: A AUGUSTA — PROTECTORA — DA INFANCIA DESVALIDA. — A MEZA ADMINISTRADORA — DO RECOLHIMENTO DE — S.^{TA} THEREZA. — 1858. Diam. 60 Mm. Meili, n.º 29.

N.º 18 — *Medalha commemorativa da visita de SS. AA. II. á Casa da Moeda.* AR. m. b. c. Cabeças conjugadas, á direita, de SS. AA. e por baixo a assignatura do gravador, LÜSTER. F. Leg.: P. I. D. IZABEL. P. D. LEOPOLDINA. Rev. Dentro de uma corôa formada por dois ramos, em seis linhas, a leg.: SS. AA. II. — VISI-

(¹) A differença está no lado do averso. A que descrevemos tem DOM e está assignada por Chr. Lüster, e a de Meili tem D. (abreviatura), e está assignada por Monteiro. G.

TÃO—A—CAZA DA MOEDA—17 DE NOV.—1856. Diam. 29 Mm. Meili, n.º 28.

N.º 19—*Medalha commemorativa da visita do Arcebispo de Athenas á casa da Correccão do Rio de Janeiro.* AE. m. b. c. No campo, dentro de uma corôa de carvalho, uma balança que tem uma espada a servir de haste. Rev. Em onze linhas, a leg.: O—ARCEBISPO—DE ATHENAS—MONSENHOR—M. F. ANTONIACCI—VISITA—ACOMPANHADO DOS EMPREGADOS—DA LEGAÇÃO ROMANA—A CASA DE CORRECÇÃO—DO RIO DE JANEIRO—18 $\frac{25}{8}$ 59. Diam. 29 Mm. Meili, n.º 91.

N.º 20—*Medalha commemorativa da visita do mesmo Arcebispo á Casa da Moeda.* AE. m. b. c. No campo uma machina de cunhar e no exergo, RIO DE JANEIRO. Rev. Em sete linhas, a leg.: O—ARCEBISPO—DE ATHENAS—MONSENHOR—M. F. ANTONIACCI—VIZITA A C. DA MOEDA—18 $\frac{22}{9}$ 59. Diam. 23 Mm. Meili, n.º 92.

N.º 21—*Medalha dedicada ao tenor Mirate pela Irmandade de N. S.ª da Piedade.* AE. m. b. c. Cabeça, á direita, da Imperatriz com penteado simples e com diadema; por baixo a assignatura do gravador, CHR. LÜSTER. F. Leg.: D. THEREZA CHRISTINA—INPERATRIZ DO BRAZIL. Rev. Em oito linhas, a leg.: AO—TENOR MIRATE.—OFFERECE—A IRMANDADE DE N. S. DA PIEDADE—A—EFFIGIE DE SUA AUGUSTA—PROTECTORA—18 $\frac{15}{9}$ 59. Diam. 60,5 Mm. Meili, n.º 187.

N.º 22—*Medalha commemorativa da visita do Imperador á Cachoeira de Paulo Affonso.* AE. m. b. c. Cabeça do Imperador á esquerda, com o cabello apartado e barba espessa. Leg.: D. PEDRO II IMPERADOR DO BRAZIL. Rev. Em sete linhas, a leg.: S. M.—O IMPERADOR—VISITA—A CACHOEIRA—DE—PAULO AFFONSO—18 $\frac{19}{10}$ 59. Diam. 20 Mm. Meili, n.º 30.

N.º 23—*Medalha dedicada ao director do Conservatorio de Musica Francisco Manuel da Silva.* AE. m. b. c. Cabeça da Imperatriz, á direita, com penteado simples e com diadema; por baixo a assignatura do gravador, CHR. LÜSTER. F. Leg.: D. THEREZA CHRIS-

TINA—IMPERATRIZ DO BRAZIL. Rev. Em onze linhas a leg.: AO—
DIRECTOR—DO—CONSERVATORIO DE MUZICA—FRANCISCO MA-
NOEL DA SILVA—OFFERECE—A DEVOÇÃO DE N. S. DA PIEDADE
—A—EFFIGIE DE SUA AUGUSTA—PROTECTORA—18 $\frac{26}{8}$ 60. Diam.
60,5 Mm. Meili, n.º 188.

N.º 24—*Medalha commemorativa da exposição Nacional.* AE. m. b. c. Cabeça, á esquerda, do Imperador, com o cabello apartado e barba espessa; por baixo a assignatura do gravador, C. LÜSTER. F. Na orla, a leg.: DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL. Esta legenda continua, no campo, assim: PROTECTOR DAS ARTES—E DA INDUSTRIA. No exergo, um pequeno dragão, que tem as patas apoiadas, n'uma esphera armillar. Rev. Edificio da exposição. Por cima, em tres linhas, das quaes a primeira é curva, a leg.: EXPOSIÇÃO NACIONAL—DECRETO IMP.—DE 17 DE JULHO DE 1861. No exergo, em quatro linhas, sendo curvas as duas ultimas, outra leg.: INAUGURADA—NO—RIO DE JANEIRO—A 2 DE DEZEMBRO DE 1861. Na linha que separa o exergo, á direita, a assignatura do gravador: LÜSTER. F. Diam. 51,5 Mm. Meili, n.º 60.

N.º 25—*Medalha conferida em premio pela exposição Nacional de 1861.* AR. m. b. c. Cabeça, á esquerda, do Imperador, com o cabello apartado e barba espessa; por baixo, C. LÜSTER. F. Leg.: DOM PEDRO II IMPERADOR DO BRAZIL. Rev. Dentro de uma corôa de louro, em sete linhas, a leg.: PREMIO—CONFERIDO—NA—EXPOSIÇÃO—NACIONAL—DE—1861. No exergo, as letras E. R. S. Diam. 57 Mm. Meili, n.º 61.

N.º 26—*Medalha commemorativa da visita da Familia Imperial á Casa da Moeda.* AE. m. b. c. Machina de cunhar; por cima raios luminosos e no exergo, RIO DE JANEIRO. Rev. Em dez linhas, a leg.: S. M.—O—IMPERADOR—S. A. I.—E—SEU AUGUSTO—ESPOSO—VISITÃO A—CASA DA MOEDA.—18 $\frac{47}{12}$ 64. Diam. 23 Mm. Meili, n.º 31.

N.º 27—*Condecoração Militar.* AE. m. b. c. Dentro de uma corôa de louro, em tres linhas, a leg.: VALOR—E—LEALDADE. Rev. Em sete linhas, a leg.: 26. 27. 28—DE—DEZEMBRO—FORTE—DE—

COIMBRA.—1864. Esta medalha tem forma oval e argola, por onde passa uma fita preta orlada de vermelho. Eixo maior 25,5 Mm. Eixo menor, 20 Mm. Meili, n.º 122.

N.º 28 — *Medalha commemorativa da visita do Duque de Penthièvre á Casa da Moeda.* AE. m. b. c. Machina de cunhar; por cima raios luminosos e no exergo, RIO DE JANEIRO. Rev. Em oito linhas, a leg.: VISITA — DE — S. A. R. — O — DUQ. DE PENTHIÈVRE — Á — CASA DA MOEDA.—18³⁰/₁₀65. Diam. 23 Mm. Meili, n.º 33.

N.º 29 — *Medalha com que foram condecorados os militares que entraram no combate naval do Riachuelo.* AE. m. b. c. No campo, dentro de uma corôa formada por dois ramos de plantas indigenas, a cabeça do Imperador, á esquerda, com o cabelo apartado e barba espessa. Na orla, PETRUS II D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. 1865. Rev. Uma peça de artilharia, que crusa com uma ancora, enfeitadas com um ramo de carvalho e com uma palma. Ao centro deste emblema assenta um escudo, com a seguinte legenda, em quatro linhas: 11 — DE JUNHO — DE — 1865. Na orla: COMBATE NAVAL DO RIACHUELO. Esta medalha é circular e por cima tem adaptada uma grande corôa imperial, movel, sobre a qual ha uma argola por onde passa a fita de seda, branca orlada de verde, Diam. 26 Mm. Meili, n.º 125.

N.º 30 — *Medalha com que foram premiados os militares que entraram na campanha do Uruguay.* AE. m. b. c. Cabeça do Imperador, á esquerda, com cabelo apartado e barba espessa. Não tem legenda. Rev. No campo, dentro de uma corôa de louro, em quatro linhas, a leg.: CAMPANHA — DO — URUGUAY. — 1865. Esta medalha tem fórma oval e na parte superior uma argola, por onde passa uma fita, bipartida, azul e vermelha. Eixo maior 24 Mm. Eixo menor 19,5 Mm. Meili, n.º 120.

N.º 31 — *Outra medalha destinada ao mesmo fim da antecedente.* AR. m. b. c. No campo, dentro de uma corôa de louro, em tres linhas, a leg.: 18 — DE SETEMBRO — DE 1865. Rev. No campo, dentro de uma corôa formada por dois ramos, um de louro, outro de uma planta brasileira, a seguinte palavra, numa só linha.: URUGUAYANA.

Esta medalha é circular e por cima tem grande argola por onde passa uma fita verde, orlada de branco. Diam. 20 Mm. Meili, n.º 123.

N.º 32—*Miniatura variada da medalha antecedente*. AR. m. b. c. Rara. No campo, entre dois enfeites muito simples, um por baixo outro por cima, a palavra URUGUAYANA. O Rev. é igual ao Anv. É circular e tem argola fixa, onde gira outra. Diam. 11 Mm. Inedita em Meili.

N.º 33—*Miniatura de uma medalha militar condecorativa*. AE(?). m. b. c. Rara. No campo a palavra BRAVURA que tem dois enfeites simples, um por cima, outro por baixo. O Rev. é igual ao Anv. Esta medalha tem a fôrma oval e em cima argola fixa onde gira outra. Observando o bórdo vê-se que é feita de duas peças colladas. Inedita em Meili. Eixo maior 11. Mm. Eixo menor 10 Mm.

N.º 34—*Condecoração militar*. Estanho(?). s. c. Cabeça do Imperador, á esquerda, com o cabello apartado e barba espessa. Não tem legenda. Rev. Na parte de cima tem uma corôa de louro com a seguinte legenda em volta: CONSTANCIA E VALOR. Na parte de baixo, em tres linhas, outra legenda, MATTO—GROSSO—1867. Tem a fôrma oval, e em cima uma argola por onde passa uma fita de seda com listas de varias côres, que estão muito desvanecidas. Eixo maior 25,5 Mm. Eixo menor 20 Mm. Meili, n.º 124.

N.º 35—*Medalha Calendario*. AR. m. b. c. Ao centro do campo, a cabeça laureada do Imperador, á esquerda; por baixo a assignatura do gravador, LÜSTER, e em volta: DOM PEDRO II—IMP. DO BRAZIL. Occupando todo o resto do campo, bem como a orla, em muitas divisões, estão indicadas varias datas, dias de festa da Igreja, estações do anno, etc. No alto, a data, 1867, que tem por cima dois florões e por baixo as lettras F. M. Rev. Occupando o campo, um quadro, com o Calendario de 1867. Por cima indicam-se varias datas e acontecimentos celebres e por baixo as datas dos nascimentos das pessoas da Familia Imperial. Á direita eclipses da lua e á esquerda os do sol. Diam. 41,5 Mm. Meili, n.º 35.

- N.º 36— *Condecoração para os militares que tomaram parte na campanha contra o Paraguay.* AE. m. b. c. Emblema formado por diversos objectos de uso militar: balas, tambor, peça, espadas, bandeiras, barretina, etc. Na orla, a leg.: EXERCITO EM OPERAÇÕES CONTRA O GOVERNO DO PARAGUAY. No exergo, uma pequena estrella. Rev. No campo, em quatro linhas, a leg.: RECOMPENSA — A — BRAVURA — MILITAR. Na orla, outra legenda: DECRETO DE 28 DE MARÇO DE 1868. No exergo, uma pequena estrella. Tem a fôrma oval e argola fixa na parte superior, onde gira outra por onde passa uma fita vermelha, orlada de verde? (As côres estão desvanecidas). Eixo maior 31,5 Mm. Eixo menor 25 Mm. Meili, n.º 128.
- N.º 37— *Medalha commemorativa da visita dos principes Philippe e Augusto, á Casa da Moeda.* AE. m. b. c. Machina de cunhar; por cima, raios luminosos e no exergo, RIO DE JANEIRO. Rev. Em oito linhas, a leg.: SS. AA. RR.—D. FELIPPE—E—D. AUGUSTO—VISITÁRÃO—Á—CASA DA MOEDA—18 $\frac{27}{5}$ 68. Diam. 23 Mm. Meili n.º 36.
- N.º 38— *Medalha commemorativa da visita á Casa da Moeda do principe D. Philippe.* AE. m. b. c. Anv. Igual ao da antecedente. Rev. Em sete linhas, a leg.: O—PRINCIPE—D. FELIPPE—VISITOU—Á—CASA DA MOEDA—18 $\frac{27}{10}$ 69. Diam. 23 Mm. Meili, n.º 38.
- N.º 39— *Condecoração para os militares que tomaram parte na campanha do Paraguay.* (AR dourada?) Corôa de carvalho assente sobre uma cruz, que tem a fôrma da da ordem de Malta. Ao centro a leg.: CAMPANHA—DO—PARAGUAY. Rev. É igual ao anv. tendo outra legenda: 18 $\frac{6}{8}$ 70. Na haste superior da cruz, está feita uma especie de argola, por onde passa uma fita branca, orlada de verde, cores que estão muito desvanecidas. Meili n.º 129. (Vem só estampado o rev.)
- N.º 40— *Medalha da Exposição Municipal de Campos.* AE. m. b. c. Leg.: BENEFICENTE SOCIEDADE UNIÃO ARTISTICA. No campo, o emblema da Sociedade (?): duas mãos dadas, que tem por cima um arco formado de nuvens; ao fundo, raios luminosos e por baixo uma fita, com a seguinte devisa: A UNIÃO FAZ A FORÇA. Rev. Dentro de uma corôa de carvalho e louro, em cinco linhas, a leg.:

EXPOSIÇÃO—MUNICIPAL—EM—CAMPOS—1871. No campo, em cima, uma estrella. Diam. 31 Mm. Meili, n.º 87.

N.º 41—*Medalha commemorativa da regencia da Princeza D. Isabel e do encerramento da 3.ª sessão da 14.ª legislatura.* AE. m. b. c. Cabeça da princeza, á esquerda, com o cabello cahido em caracoes e com um laço no alto da cabeça; por baixo, a assignatura do gravador, F. CARNEIRO. F. leg.: D. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL REGE O IMPERIO. 25 DE MAIO DE 1871 Á 1 DE ABRIL DE 1872. Rev. Em cima, em tres linhas, das quaes a primeira é curva, a leg.: ENCERRAMENTO DA 3.ª SESSÃO—DA—14.ª LEGISLATURA. No campo, a vista do edificio do Senado, com tres bandeiras brasileiras, rodeado de bastante povo; á direita um batalhão formado. No exergo, tendo por baixo um pequeno ornato, a palavra: SENADO. Á direita, na linha que separa o exergo, a assignatura do gravador: CARNEIRO. F. Diam. 61,5 Mm. Meili, n.º 42.

N.º 42—*Medalha da 3.ª exposição Nacional.* AE. m. b. c. Cabeças conjugadas, á direita, do Imperador e da Imperatriz, com bastante relevo. A delle está no primeiro plano e tem o cabello comprido e barba espessa. A della tem um penteado liso e simples. Na orla a legenda, que começa em baixo, DOM PEDRO II IMPERADOR E DONA THEREZA CHRISTINA MARIA IMPERATRIZ. No exergo uma estrella. Não tem assignatura. Rev. Na orla, em cima, a leg.: 3.ª EXPOSIÇÃO NACIONAL. No campo a vista do palacio, onde se realisou a exposição, com grande escadaria, e que tem em cima 7 bandeiras, sendo a do centro brasileira. Na cimalha lê-se: EXPOSIÇÃO—NACIONAL. No exergo, em duas linhas: RIO DE JANEIRO.—1873. Diam. 51,5 Mm. Meili, n.º 63.

N.º 43—*Prova cunhada na exposição internacional de Philadelphia.* AE. reg. cons. (gasta). No campo, P. II; por cima a corôa imperial. Leg.: PRENSA—MONETARIA FEITA NA CASA DA MOEDA DO BRAZIL. No exergo, uma pequena estrella. Rev. Em oito linhas, a leg.: PROVA—CUNHADA—(NA)—EXPOSIÇÃO—INTERNACIONAL—DE—PHILADELPHIA—1876. Por cima da data, separando-a do resto da legenda, ha uma estrella entre dois ornatos simples. Diam. 27 Mm. Meili, n.º 59.

- N.º 44—*Medalha da exposição geral da Academia das Bellas Artes, do Rio de Janeiro.* AE. m. b. c. Cabeça, á esquerda, do Imperador, com o cabello apartado e barba espessa; por baixo a assignatura do gravador, C. LÜSTER. F. Leg.: D. PEDRO II—IMP. DO BRAS. Rev. O Campo, que é limitado por uma corôa formada por dois ramos de plantas da flôra brasileira, é liso e destinado a receber o nome da pessoa premiada. Ao alto já tem gravada a lettra A. Na orla, a leg.: EXPOSIÇÃO GERAL DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DO RIO DE JANEIRO. No exergo, um pequeno florão. Diam. 46 Mm. Meili, n.º 168.
- N.º 45—*Medalha da Academia de Bellas Artes.* AE. m. b. c. Cabeça, á esquerda, do Imperador, com o cabello apartado e barba espessa; por baixo a assignatura do gravador, C. L. F. Leg.: D. PEDRO II—IMP. DO BRAS. Rev. No campo, dentro de uma corôa de louro, em quatro linhas, a legenda: AO—GENIO—E A—APPLICAÇÃO. Na orla: ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DO RIO DE JANEIRO. No exergo, um pequeno florão. (1) Diam. 27 Mm. Meili, n.º 167.
- N.º 46—*Medalha para premio do Instituto Imperial dos meninos cegos.* AE. m. b. c. No campo um emblema formado por uma corôa de louro que tem sobre ella um livro fechado e, por cima deste, outro, aberto, com escripta para cegos. Leg.: IMP. INSTIT—DOS MENINOS CEGOS. Rev. No campo, em cinco linhas, a leg.: AO—TALENTO—E—APPLICAÇÃO—7.º ANNO. Esta ultima linha está separada da antecedente, por um traço. Diam. 27 Mm. Variante de Meili, n.º 221.
- N.º 47—*Outra medalha referente ao mesmo assumpto.* AE. m. b. c. Anv. Igual ao da antecedente. Rev. No campo, dentro de uma corôa de louro, que é atada em baixo com um laço, uma lyra e varios outros emblemas da musica; por cima da lyra, entre as extremidades da corôa, uma estrella projecta alguns raios luminosos. Na orla, a legenda: AO MELHOR TALENTO—EM MUSICA. De cada lado um florão. Na parte superior tem uma saliencia para se fazer argola para a suspender. Diam. 27 Mm. Meili, n.º 222.

(1) Esta medalha parece que tem um carimbo, que não podemos decifrar, no exergo do lado do anv.

- N.º 48—*Medalha para premio da Escola Publica de primeiras letras.* AE. m. b. c. No campo, em quatro linhas, das quaes a de cima é curva, a leg.: ESCOLA PUBLICA—DE—PRIMEIRAS—LETRAS. No exergo um simples ornato. Rev. No campo, em uma só linha, a palavra, PREMIO; por cima duas palmas e por baixo um livro aberto com uma penna sobreposta. Diam. 20 Mm. Meili, n.º 224.
- N.º 49—*Medalha para premio do Collegio da Piedade.* AE. m. b. c. No campo um livro aberto que tem atravessada por cima uma penna. Leg.: COLLEGIO—DA PIEDADE. Estas palavras são separadas por estrellas. Rev. Liso. Na parte superior tem uma saliencia para se fazer argola. Inedita em Meili. Diam. 25 Mm.
- N.º 50—*Medalha para premio do Collegio Vassourense.* AE. m. b. c. No campo um livro aberto com uma penna por cima. Leg.: COLLEGIO—VASSOURENSE. Ornatos de um e outro lado na orla. Rev. No campo, em uma linha, a palavra, CONDUCTA, que tem por cima e por baixo, ornatos simples. Diam. 27 Mm. Inedita em Meili.
- N.º 51—*Premio do Collegio Neves.* AE. m. b. c. No centro do campo uma estrella grande, ladeada por duas menores. Em cima, COLLEGIO, e em baixo, NEVES. Rev. No campo, em uma linha, a palavra, APPLICAÇÃO, collocada entre dois ornatos simples, um por cima, outro por baixo. Diam. 27 Mm. Inedita em Meili.
- N.º 52—*Medalha destinada a premio?* AE. m. b. c. No campo, em duas linhas, AO—MERITO; por baixo um traço. Na orla uma corôa de carvalho e louro. Rev. Campo liso, limitado por uma corôa de carvalho e louro. Na parte superior tem saliencia para se fazer argola. Diam. 27,5 Mm. Inedita em Meili.
- N.º 53—*Medalha commemorativa do quarto centenario do descobrimento do Brasil.* AR. (?). m. b. c. Padre disendo missa na frente de um altar que tem uma cruz muito alta e está collocado á sombra de uma bananeira. Muitos devotos ajoelhados e no primeiro plano destacam-se alguns selvagens; ao centro ergue-se uma bandeira com a cruz de Christo. Em cima, na orla, 1500—BRAZIL—1900, e no exergo, PRIMEIRA MISSA. Á direita, em baixo, a as-

signatura do gravador, LAUER(?). Rev. Em sete linhas, a legenda, 1500 — DESCOBERTA — DO — BRAZIL — 4.^o CENTENARIO — 1900 — PERNAMBUCO. Em cima tem argola. Diam. 35,5 Mm.

- N.^o 54 — *Condecoração*. (AE. dourada?) Estrella de cinco pontas que tem em cada ponta uma bolla. Em volta uma corôa formada por uma palma e um ramo de louro, atados em baixo com um laço. Ao centro uma saliência, que tem gravada em volta a legenda: HONOR ET GLORIA. Rev. Igual ao anv., mas com esta legenda: PREMIUM MERITI. Por cima da estrella está adaptada uma corôa de louro, atada em baixo com fitas, cujas extremidades prendem no resto da medalha. Em cima da corôa ha argola para a suspender. Não sabemos a que nacionalidade pertence esta medalha, mas supponos que pelo seu typo seja brasileira.

3.^a Série

MEDALHAS DA SANTA SÉ, INGLESAS E DE DIVERSAS NAÇÕES

Medalhas da Santa Sé

- N.^o 1 — *Medalha* AE. b. c. Dentro de uma corôa de louro, emblemas pontificios: chaves de S. Pedro ornamentadas, prezas com um cordão com borlas nas extremidades, etc. Leg.: SEDES APOSTOLICA ROMANA. Rev. Em cinco linhas a leg.: PIVS IX PONT. MAX.—ROMAE RESTITVTVS — CATHOLICIS ARMIS — COLLATIS — AN. MDCCCXLIX. Por cima da leg., um florão e em baixo um traço com um florão ao meio. Na parte superior do bordo, tem uma saliência para se fazer argola. Diam. 31,5 Mm.
- N.^o 2 — *Medalha commemorativa da definição do dogma da Immaculada Conceição*. AE. m. b. c. Busto, á esquerda, de Pio IX em traje pontifical, com solideo. Leg.: PIVS IX PONT. MAX. ANNO XI. No exergo, a assignatura do gravador, I. BIANCHI. Rev. Interior da Igreja de S. Pedro. Á direita, de pé, no alto de um throno, o Santo Padre, rodeado de cardeaes, lê a bulla *Ineffabilis Deus*. Ao fundo estão varios padres de mãos postas, e por detraz d'estes, grande concurso de povo. Em cima, entre nuvens e anjos, apparece a Ima-

gem da Virgem e por cima desta o Espirito Santo que lhe resplandece a cabeça. Destaca-se um raio de luz mais intenso que incide sobre o Papa. No exergo, em duas linhas, a leg.: VI. ID. DEC. AN. CHR. MDCCCLIV.—SINE LABE CONCEPTA. A direita, no primeiro degrau do throno, a assignatura do gravador, I. BIANCHI. Diam. 43 Mm.

Medalhas Inglesas

N.º 3—*Medalha* de AE. b. c. No campo, dentro de uma corôa de carvalho, uma cabeça de velho, de grandes barbas, coberta com um panno, que envolve as orelhas e pescoço. Por baixo a assignatura do gravador, RD. Rev. No campo, umas armas com o escudo em bico, que tem quinze arruellas. A corôa é ducal. Leg.: CORNISH COPPER HALF AND OUNCE. 1791. Diam. 29 Mm.

N.º 4—*Medalha* de AE. b. c. No campo, uma aguia com duas cabeças que tem as azas e pernas abertas. Na orla, circulo arqueado. Rev. No campo, em quatro linhas, a leg.: FALMOUTH—INDEPENDENT—VOLUNTEERS—1797. Por cima, um florão ladeado por pontos e em baixo, no exergo, um ponto. Circulo arqueado, na orla. No bordo, serrilha com os traços obliquamente collocados. Diam. 29 Mm.

N.º 5—*Medalha commemorativa da batalha do Cabo de S. Vicente*. AE. b. c. No campo da medalha uma esquadra de sete navios, que têm as velas e bandeiras desfraldadas. No exergo, em tres linhas, a leg.: CAPE S.^r VINCENT.—Feby, 14—1797. Na orla, circulo serrilhado. Rev. No campo, dentro de dois circulos concentricos, lisos, uma bandeira inglesa, desfraldada, presa ao respectivo pau. Leg.: MAY IT BE DISPLAYD AT ALL POINTS OF Y.^r COMPASS. No bórdo tem inscripto: X A. VALENTINE PRESENTED TO SPAIN BY ALM. JERVIS X. Diam. 29.

N.º 6—*Curiosa medalha satyrica*. AE. m. b. c. Official com fardamento antigo, em cabello, mettido dentro de uma caixa forte em fórma de bahu, chapeáda de ferro. Meio corpo do official fica de fóra da caixa; com a mão direita empunha uma espada e com a esquerda segura uma bolsa cheia de dinheiro. Leg.: I TAKE THE—

RESPONSIBILITY. De cada lado, na orla, um florão e dois pontos e por fóra da legenda círculo serrilhado. Entre a caixa forte e a letra N da ultima palavra da legenda, vê-se no campo, a letra H. Rev. No campo, um burro de cabeça erguida e orelhas espetadas, que tem sobre o lombo as letras, L L D Por cima do burro, em duas linhas, ROMAN—FIRMNESS, e por baixo, VETO. Leg. THE CONSTITUTION—AS I UNDERSTAND IT. Na orla, círculo serrilhado. Diam. 29 Mm.

N.º 7—*Medalha* de AE. r. c. (oxydada). No campo, dentro de um círculo de corda, umas armas sustentadas por dois guerreiros; por baixo, uma fita com a divisa, VIRTUS SUE CRUCE CRESCIT. Em cima: CHARLEVILLE e em baixo: FOREST. Leg.; na orla, INDUSTRY SHALL PROSPER. No exergo, entre dois ornatos, a data, 1802. Na orla círculo serrilhado. Rev. No campo, dentro de um círculo de corda, em seis linhas, tendo um ornato de flores por cima, e outro, differente, por baixo, a leg.: PAYABLE—AT—TULLAMOORE—FIRST—TUESDAY—IN EACH—MONTH. Na orla: ONE SHILLING AND ONE PENNY. No exergo, um ornato de flores e na orla círculo serrilhado. Diam. 36 Mm.

N.º 8—*Medalha dedicada á memoria de George Canning*. Latão. b. c. Busto á esquerda de Canning, que traja civilmente. Leg.: R.^o HON. GEORGE CANNING. M. P. Na orla, círculo serrilhado. Rev. Um ramo de chorão pendido sobre um vaso que está em cima de um tumulo (?) que tem a seguinte inscripção, em tres linhas: BORN 1771—DIED—AUG. 1827. Leg.: THE FRIEND OF RATIONAL FREEDOM. No exergo, um enfeite em fórmula de estrella e na orla círculo serrilhado. No bórdo, serrilha. Diam. 24 Mm.

N.º 9—*Medalha commemorativa da coroação da Rainha Victoria*. Estanho. soff. cons., furada em cima para ser suspensa. Cabeça da Rainha, á esquerda, com um penteado em bandós na frente, liso a meio da cabeça e enrolado em fórmula de cesto, na parte de traz. Tem um bello diadema e brincos compridos. Leg.; no alto da orla, lendo-se de dentro para fóra, a palavra VICTORIA e no resto da orla, lendo-se de fóra para dentro, em caracteres um pouco mais pequenos, o resto da legenda, que começa em cima, do lado esquer-

do: ASCENDED THE BRITISH THRONE JUNE 20. 1837. IN THE 19. YEAR OF HER AGE. Rev. Grupo allegorico com varias figuras: a Rainha coroada, sentada no throno, com sceptro e globo, apoiando um dos pés sobre um leão que está deitado junto d'ella. Uma mulher segura um escudo, outra uma balança e uma terceira despeja flores da cornucopia da abundancia. Leg.: Em cima, CORONATION, e no exergo, em duas linhas, sendo a de baixo curva, AT WESTMINSTER.—JUNE 28. 1838. Diam. 34 Mm.

N.º 10—*Medalha commemorativa da inauguração do tunnel do Tamisa.* Estanho. b. c. Vista do interior do tunnel que tem por cima uma galeria e escadaria. No exergo, em tres linhas, THAMES TUNNEL BEGAN 1824—OPENED 1843—COST. £ 446000. Na orla, á direita, WAPPING ENTRANCE. Rev. Vista de outro aspecto do interior do tunnel e no exergo, em tres linhas, a leg.: THAMES TUNNEL 1200 F.^T L.^{NG}—76 F.^T—BELOW H.^{GH}—W.^{TR}—SIR I. M. BRUNEL ARCHT. Entre a primeira e a segunda linhas, tem, á esquerda, GRIFFIN e á direita, LONDON. Na orla, á esquerda, quasi apagado, está escripto, . . . ENTRANCE (?). Diam. 36 Mm.

N.º 11—*Medalha referente ao mesmo assumpto.* Estanho. b. c. Cabeça, á esquerda, do architecto que fez as obras; por baixo a assignatura do gravador, DAVIS BIRM. (Esta ultima palavra é certamente a abreviatura de Birmingham, onde existe uma grande officina de cunhagem de moedas e medalhas). Leg.: SIR ISAMBART MARC BRUNEL, F. R. S. &c. Rev. Vista das duas embocaduras do tunnel; na da esquerda estão dois visitantes, um á entrada, outro a meio; na da direita estão outros dois, estando um delles a cavallo. Por cima ha uma balaustrada. Em cima, em duas linhas, ROTHER NI THE—ENTRANCE, e no exergo, em cinco linhas, THAMES TUNNEL 1200 FEET LONG—COMMENCED 1824. COMPLETED 1842.—76 FEET BELOW HIGH WATER—COST. £ 450000—SIR I. M. BRUNEL ENGINEER. Diam. 43,5 Mm.

Medalhas diversas

N.º 12—*Medalha commemorativa da paz de 20 de Fevereiro de 1865, dedicada aos governos alliados.* Estanho. b. c. No alto do campo,

ao centro de um fóco d'onde irradiam muitos raios luminosos, uma pequena quadriga com duas bandeiras desfraldadas, que caminha sobre nuvens, e é guiada por uma figura. Na parte superior da orla, a leg.: LA PAZ ES LA MAS FECUNDA BASE DE LA FELICIDAD DE LAS NACIONES, e no exergo, em tres linhas, outra legenda: A LOS EX.^s GOBIERNOS ALIADOS—EL ARTISTA DEDICA. Por baixo, em curva, CATALDI GRABÓ. Rev. No campo, uma capa de um album que tem ao centro um desenho: navios no mar com uma ponte de nuvens por cima, sobre a qual vae atravessando um guerreiro. Em volta deste desenho, varias ornamentações e por baixo, a seguinte inscripção: DOS RESIDENTES ESTRANGEROS A VILLALBA. Em volta da capa, gregas, e aos cantos, quatro cabeças de selvagens. Leg. ALBUM VILLALBA EM CONMEMORACION DE LA PAZ 20 FEB.^{ro} No exergo, a data, entre duas estrellas, 1865. Diam. 55,5 Mm.

N.^o 13—*Medalha para os heroes de Tataiyba*. AE. reg. cons. No campo, um soldado com uma lança, montado num cavallo que marcha a galope. Leg.: A LOS VALIENTES DE TATAIYBA EL MARISCAL LOPEZ. Na orla, circulo denteado. Rev. No campo, em quatro linhas, dentro de uma corôa de louro, a leg.: 21—DE—OCTUBRE—1867. Em cima tem argola para ser suspensa. Diam. 30 Mm.

N.^o 14—*Jeton* de AE. m. b. c. Armas enfeitadas com bellos ornatos; por baixo uma fita com a divisa: CVIQVE SVVM. No exergo a assignatura do gravador, R MICHAUX. Rev. No campo, dentro de um circulo liso, em quatro linhas, a leg.: A—M. LAGERBERG—GÖTERBORG—1872. Na orla, a leg.: JETON OFFERT PAR A. BRICHAUT. BRUXELLES. 1872. No exergo, uma pequenissima caveira (?) que parece quasi um ponto. Na orla, por fóra da legenda, circulo de pontos. Diam. 31,5.

N.^o 15—*Jeton*. Latão. b. c. Bustos de frente do Imperador da Russia e do Imperador d'Austria, fardados e em cabello. Por baixo do hombro do da direita, a assignatura do gravador, STEINE. Por baixo dos dois bustos a palavra, IETTON. Leg.: FRANZ. I: KAISER. V: OESTERREICH. ALEXANDER KAISER. V: RUSSLAND. Na orla, circulo serrilhado. Rev. Ao fundo, no campo, vista de uma cidade e

- no primeiro plano exercitos em lucta, vendo-se no chão, já mortos, soldados e cavallos. Por cima, paira uma aguia coroada, de azas abertas, que segura com uma das garras dois sceptros e com a outra um globo. Leg.: DIE. ENTSCHIED. SCHLACHT. DER. ALLIRTEN BEY LEIPZIG. No exergo, que é separado por um traço, em duas linhas, outra leg.: DEN 18—19. OCT.—1813. Á esquerda, em baixo, um L. Na orla, circulo serrilhado. Diam. 33 Mm.
- N.º 16—*Medalha de* AE. m. b. c. No campo da medalha, um navio desmantellado, sobre as ondas, encalhado de encontro a. um rochedo. Na amurada tem escripto: EXPERIMENT. Leg.: VAN BUREN—METALLICI—1837,—CURRENCY. Na orla, por fóra da legenda, circulo de pontos. Rev. Navio de vella, a todo o panno, navegando serenamente; na amurada tem escripto: CONSTITUTION. Leg.: WEBSTER—CREDIT—1841—CURRENCY. Circulo de pontos. Diam. 28 Mm.
- N.º 17—*Medalha de* AE. m. b. c. No campo, bustos de frente de Luis XV e de Maria de França; o delle tem corôa de louro e algum vestuario em volta do pescoço; o della tem um penteado adornado com fitas e algum vestuario preso sobre o hombro com um broche. Por baixo deste busto, a assignatura do gravador, DU VIVIER. F. Leg.: LUD. XV. REX CHRISTIANISS. MARIA FR. ET NAV. REGINA. Rev. No campo, de pé, uma mulher em traje antigo, personificando, talvez, a França, sustentando nos braços duas creanças nuas. Na orla, a leg.: FECUNDITAS—AUG. No exergo, em tres linhas, outra leg.: GEMELLÆ REGIÆ—NATÆ XIV AUGUSTI—MDCCLXXVII. Diam. 41 Mm.
- N.º 18—*Medalha commemorativa da unção de Luis XV.* Latão. rég. cons. Busto juvenil, laureado, de Luis XV, á direita. Leg.: LVD. XV. D. G. FR. ET. NAV. REX. Na orla, circulo serrilhado. Rev. O rei, de joelhos sobre uma almofada, sendo unguido por um bispo que está de pé no ultimo degrau do altar. Em volta varias figuras de padres e titulares, coroados. Leg.: REX COELESTIOLEO UNCTUS. No exergo, em duas linhas, REMIS 23 OC.—1723. circulo serrilhado na orla. Diam. 27 Mm.
- N.º 19—*Medalha á memoria de Napoleão.* AE. r. c. (oxydada). Busto

á esquerda de Napoleão, fardado e em cabello, por baixo a assignatura do gravador, A. BOVY. Leg.: NAPOLEON—EMPEREUR. Rev. Sepultura de Napoleão, na ilha de S.^{ta} Helena: simples jazigo rodeado de grades, que tem em volta muitos «chorões», tudo num recinto resguardado com um gradeamento. Junto da entrada, que é por uma pequena cancella, está um soldado de pé, e uma guarita. No fundo, montanhas com algum arvoredado. Leg.: MEMORIAL DE S.^{TE} HELENE.—5 MAI. MDCCCXXI. PARIS 15 DEC. MDCCCXL. Diam. 40,5:

N.º 20—*Medalha do tumulto de Napoleão*. Latão. b. c. Cabeça laureada do Imperador, á direita; por baixo, as letras CT. Leg.: NAPOLEON I—EMPEREUR. Rev. Tumulo de Napoleão, que está nos Invalidos. Leg.: TOMBEAU DE NAPOLEON I. No exergo, em duas linhas, INAUGURÉ LE 5 MAI—1853. Na parte superior tem uma argola fixa para poder ser suspensa. Diam. 23 Mm.

N.º 21—*Medalha*. de AE. m. b. c. Cabeça laureada de Napoleão, á direita; por baixo, em duas linhas, as assignaturas, DENON DIR.—ANDRIEU F. Leg.: NAPOLEON EMPEREUR. Rev. Duas figuras em frente uma da outra que aguentam uma taboa sobre a qual está de pé uma mulher, talvez a França, que segura uma vara com uma aguia em cima. As figuras que sustentam a taboa parecem ser, a da esquerda, um senador, e tem por detraz das costas um livro aberto que tem escripto, LOIS—LOIS; a outra parece um operario, ou homem do povo, e tem por detraz das costas um instrumento de trabalho. Leg.: LE SENAT—ET LE PEUPLE. No exergo, AN XIII e por baixo, as assignaturas, DENON DIR. JEUFFROY F. Diam. 40 Mm.

N.º 22—*Miniatura de uma medalha condecorativa do tempo de Luis Filippe*. AR (?). m. b. c. Busto, á esquerda, do rei, que está fardado e em cabello. Leg.: LOUIS PHILIPPE I.^{ER} ROI DES FRANÇAIS—7 AOUT 1830. Rev. No campo, em seis linhas, a leg.: LA—CHARTE—SERA—DÉSORMAIS UNE—VÉRITÉ. Na parte de cima tem uma argola fixa onde gira outra para suspender a medalha. Diam. 14 Mm.

N.º 23—*Medalha commemorativa da distribuição das bandeiras no*

tempo de Luis Napoleão. AE. b. c. Cabeça á esquerda de Luis Napoleão, em cabello, com bigode e pêra. Leg.: LOUIS NAPOLEON BONAPARTE. No exergo, um florão entre dois pontos. Rev. Palanque collocado no alto de uma escadaria, no qual se vê ao centro, de pé, a figura de Luis Napoleão. Aos lados do palanque ha tribunas cheias de gente e nos primeiros degraus da escada, está um soldado com uma bandeira. Leg.: DISTRIBUTION DES DRAPEAUX. No exergo, em duas linhas, 10 MAI—1852. Diam. 23 Mm.

N.º 24—*Jeton.* AE. m. b. c. Fôrma octogonal. No campo, o escudo oval de umas armas com ornamentações em volta; por cima uma cabeça de leão, sobre a qual assenta uma corôa de conde; por baixo uma cruz, semelhante á da ordem de Christo. Á esquerda, em baixo, a assignatura do gravador, VEYRAT. F., e á direita uma cabecinha de anjo. Rev. No campo, em seis linhas, a leg.: JETTON—DE—M.^{re} LE CHAMBELLAN—MAGNUS—LAGERBERG.—1874. A data está separada por um pequeno ornato.

Conto para contar

Esphera. Leg.: DEVISA • DE • R. DE • PVRTUGL. Rev. Quinas com anneis em volta. Leg.: CONTV • DE • COTAR FAZ • CONTA. soff. cons.

Veronicas ou medalhas religiosas

N.º 1—*Medalha de metal amarello,* com fôrma oval que tem na parte superior um furo para ser suspensa. Em mau estado de conservação. Anv. Veronica de Christo (?) e a leg. muito gasta: (I • M • S • ANAST • MON • ET • M)? No reverso tem outra legenda escripta em linhas horisontaes, occupando todo o campo. D'esta só a custo se pôde lêr a primeira linha: I • M • S. o resto está gasto. Junto d'esta veronica está um papel onde estava embrulhada, que tem escripto o seguinte: «Medalha relativa ao tp.º da entrada dos Jesuitas no Brazil». Esta classificação é para nós duvidosa. No museu Ethnologico portuguez existe outro exemplar semelhante a este.



Projecto da medalha commemorativa do 25.º anniversario da Real Associação.

N.º 2—Veronica com o busto de Pio IX—Rev. Concile Ecumenique,
1860. Latão?.

Estão annexos á colleção: tres pesos do antigo contracto do tabaco e
alguns modelos de moedas feitos com gesso e papel de estanho.

NOTA

Publicamos em seguida uma estampa que representa o projecto da medalha commemorativa do 25.º anniversario da nossa Associação, a qual descrevemos na *secção especial*, letra D.

Temos porém que fazer duas rectificações ao que dissemos:

a) Em nota dissemos que os modelos *estão assignados*; empregámos o plural devendo empregar o singular, pois que a assignatura só figura no anverso.

b) A ultima data que se lê na leg. do rev.: MDCCCXXXIX, está errada, certamente, por descuido do modelador, pois que devia ser 1889. Por nossa parte, em vez de copiarmos o que lá estava, escrevemos como devia ser, por descuido tambem, e assim, escrevendo a verdade... commetemos um erro!

Os diametros na estampa foram reduzidos; as dimensões dos originaes vão indicadas na descripção.



Socios inscriptos depois de publicada a ultima relação (*)

Anno da
admissão

Effectivos

- 1905 — Philippe Malaquias de Lemos (Coronel).
 » — Frederico Evaristo da Silva Gomes.
 » — Manuel José da Cunha Brandão (Tenente coronel).
 1906 — Alfredo Maria da Costa Campos.
 » — Antonio Eduardo Simões Baião (Dr.).
 » — D. José Maria da Silva Pessanha.
 » — Pedro Augusto de Azevedo.
 » — Visconde de S. João da Pesqueira.

Correspondentes

- 1905 — Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher — (Leiria).
 1906 — Agostinho de Jesus e Sousa (Dr.) — (Braga).
 » — Antonio José Fernandes de Carvalho — (Braga).
 » — Francisco Augusto Martins Vicente (Dr.) — (Braga).
 » — João Teixeira da Silva (Dr.) — (Braga).
 1907 — Rev. Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz (Braga).
 » — Dr. Manuel Monteiro (Braga).
 » — José Martins Peixoto (Braga).

(*) Vej. *A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes desde o XXV anniversario da sua fundação*. Synopse elaborada por Eduardo A. da Rocha Dias. (Lisboa, 1904).